

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO, HISTÓRIA E
ARQUITETURA DA CIDADE**

Janine Maria Bernardi

**O FESTIVAL DE DANÇA NA CIDADE DE JOINVILLE: *REFLEXOS NA
PRAÇA NEREU RAMOS***

Florianópolis, 2012

Janine Maria Bernardi

O FESTIVAL DE DANÇA NA CIDADE DE JOINVILLE: *REFLEXOS NA PRAÇA NEREU RAMOS*

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo História e Arquitetura da Cidade – PGAU-CIDADE – sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, (Orientador)
Prof. Dr. Ayrton Portilho Bueno, (Co-orientador)
Prof. Dr. Eduardo Jorge Felix Castells, (Convidado)
Profa. Dr^a. Elizabeth Maria Campanella de Siervi, (Membro Externo)

Florianópolis, 2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bernardi, Janine Maria

O FESTIVAL DE DANÇA NA CIDADE DE JOINVILLE: REFLEXOS NA PRAÇA NEREU RAMOS [dissertação] / Janine Maria Bernardi ; orientador, Luiz Eduardo Fontoura Teixeira ; co-orientador, Ayrton Portilho Bueno. - Florianópolis, SC, 2012.

147 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Arquitetura, Urbanismo e Cidade (Joinville SC). 3. Atividades permanentes e transitórias (Joinville SC). 4. A imagem da cidade (Joinville SC). 5. Festival de Dança de Joinville (SC). I. Fontoura Teixeira, Luiz Eduardo. II. Portilho Bueno, Ayrton. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

Janine Maria Bernardi

**O FESTIVAL DE DANÇA NA CIDADE DE JOINVILLE: REFLEXOS NA
PRAÇA NEREU RAMOS**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de “Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Florianópolis, 25 de Julho de 2012.

Prof.^a Dr.^a Maria Inês Sugai
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira
Orientador – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Ayrton Portilho Bueno
Co-orientador – PósArq – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Eduardo Jorge Felix Castells
Membro da banca – PGAU Cidade – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.a Dr^a. Elizabeth Maria Campanella de Siervi
Membro da banca – externo – Grupo UNIASSELVI-ASSEVIM

*Aos que dedicaram sua atenção!
Especialmente:
Walter e Gessy, meus pais, por ser minha referência de coragem,
Sandro, companheiro durante este tempo da minha vida,
Elena e Leila, amigas que me acalmaram nos momentos difíceis,
Kathrin, minha amada filha, que em silêncio permaneceu ao meu lado.*

ORAÇÃO DA DANÇA

Louvada seja a dança,
que liberta o homem do peso das coisas materiais
e une os solitários para formar sociedade.

Louvada seja a dança,
que tudo exige e fortalece a saúde,
uma mente serena e uma alma encantada.

A dança significa transformar o espaço, o tempo,
e a pessoa, que sempre corre perigo de se desfazer
ou ser somente cérebro, ou só vontade, ou só sentimento.

A dança, porém, exige o ser humano inteiro,
ancorado no seu centro,
e que não conhece a vontade de dominar gente e coisas
e que não sente a obsessão de estar perdido no seu próprio ego.

A dança exige o homem livre e aberto,
vibrando na harmonia de todas as forças.
Ó homem, ó mulher, aprenda a dançar
senão os anjos no céu não saberão o que fazer contigo

(Santo Agostinho)

AGRADECIMENTOS

Há muitos a quem agradecer neste momento, principalmente ao meu Ser, que permitiu a manifestação dos seus atributos em mim: força, coragem e sabedoria para superar os obstáculos desta etapa de muita compenetração.

Agradeço ao PGAU-Cidade pela oportunidade deste trabalho que, brindando com seus conhecimentos, possibilitou aprofundar meu olhar para a cidade.

Sinto profundo agradecimento, pois este trabalho me permitiu conhecer alguns estudiosos compromissados com o saber contínuo e ter absoluto respeito aquele imenso e valioso elenco que imbuídos do liame passado–presente–futuro deixam sua sabedoria ao nosso dispor, que propiciam o despartar do olhar para a vida em qualquer Lugar.

Meus agradecimentos especiais aos professores: Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, (Orientador, que acrescentou seu conhecimento respeitando minhas idéias e me nutrindo com sua sabedoria), Prof. Dr. Ayrton Portilho Bueno, (Co-orientador e impulsor deste trabalho), Prof. Dr. Cesar Floriano dos Santos, (iluminador da idéia deste trabalho), Profa. Dr^a. Elizabeth Maria Campanella de Siervi, (no decorrer deste trabalho tornou-se grande amiga), e Prof. Dr. Eduardo Jorge Felix Castells (bálsamo nos momentos difíceis), membros da banca examinadora pela leitura do trabalho e pelas sugestões; vocês me ensinaram coisas que jamais vou esquecer!

Apresento meus agradecimentos ao elenco do Festival de Dança de Joinville que com paciência respondeu todas as minhas perguntas, aos funcionários do Arquivo Histórico de Joinville e aos arquitetos do IPUJ - Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville pelas informações e disponibilização do arquivo de imagens.

A UFSC por propiciar um ótimo ambiente para estudo.

A todos esses e aqueles que, por falha minha, aqui não foram mencionados o meu muito obrigada.

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.
João Guimarães Rosa

APRESENTAÇÃO

Atuando desde 1978 na profissão de bailarina e desde 1991 como arquiteta e urbanista, formada na UniRitter – Centro Universitário Ritter dos Reis em Porto Alegre, RS, nesta interação com espaço urbano, surgiu a necessidade de buscar conhecimento mais específico e aprofundado sobre o universo das transformações urbanas, especificamente sobre as atividades transitórias, fator gerador de impacto que torna o “lugar” suscetível à várias interpretações. As dúvidas sobre as interpretações motivaram o ingresso no PGAU – Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

A observação sobre a movimentação da cidade de Joinville durante os acontecimentos do Festival de Dança originou a necessidade acadêmica para obter conhecimentos em relação às atividades transitórias que modificam por algum tempo a paisagem urbana, que somada à conjugação da experiência profissional como arquiteta e urbanista, na condição de bailarina e freqüentadora do referido festival e com o auxílio do orientador, co-orientador e professores interessados no tema, foi possível desenvolver esta pesquisa.

Após certo tempo estudando o tema e seus correlatos, acreditei ser possível uma contribuição ao estado-da-arte sobre o resultado daquela paisagem urbana que se caracteriza pela impermanência. A lente utilizada para investigar o assunto coincide com minha trajetória profissional, cultural e o envolvimento com a temática.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo realizar um estudo descritivo e analítico, centrado nos aspectos físico-ambiental da Praça Nereu Ramos, um espaço público utilizado como palco aberto no Festival de Dança de Joinville, buscando abarcar o impacto que o Festival provoca na cidade e que caracterizou a ela uma nova imagem: A Cidade da Dança.

Foi realizado um levantamento locacional da Praça Nereu Ramos, tanto no seu cotidiano como durante o Festival de Dança, destacando os elementos estruturais que definem sua imagem de acordo com a leitura dos objetos arquitetônicos e urbanos da praça e seu entorno, com o objetivo de registrar as alterações dos usos e funções proporcionadas pelo Festival.

Através da captação de fotografias do local em estudo no seu cotidiano, antes, durante e depois da realização do evento, entrevistas informais com transeuntes e usuários da Praça Nereu Ramos, expectadores e participantes do Festival de Dança, assim como com funcionários do comércio local, puderam ser apreendidas as informações apresentadas na pesquisa.

As transformações urbanas e vivenciais observadas na Praça Nereu Ramos durante o Festival de Dança permitem confirmar que um evento transitório pode interferir no espaço urbano, corroborando ainda com a convicção de que os aspectos modificados, que transformam o cotidiano do lugar onde ocorre, interferem na cultura local, uma vez que quando o evento se finaliza, lembranças guardadas na memória do indivíduo estimulam a mudança de seus hábitos.

ABSTRACT

The objective of the research is to produce a descriptive and analytic study focused on the physical environment of Praça Nereu Ramos, a public space used as an open stage during the Joinville Dance Festival, trying to show the impact that the Festival causes in the city and it gave her a new image: The City of the Dance.

It was made a locational survey of Praça Nereu Ramos, as in its daily basis and during the Festival of Dance, highlighting the structural elements that define its image according to the knowledge of the urban and architectural objects inside the space and its surrounding, with the goal of registering the changings of its usage and function provided by the festival.

Through photography shooting and daily study of the space, before, during and after the exhibition of the event, informal interviews with the passers and users of the Praça Nereu Ramos, viewers and participants of the Festival of Dance as well as the employees of the local commerce, enabled the gathering of information here presented.

The urban and living transformations observed at Praça Nereu Ramos during the Dance Festival allow us to confirm that a temporary event can interfere with the local culture, because when the event ends, memories saved inside one's memory stimulates the change of habits.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
OBJETIVO GERAL	23
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	23
I - REFERENCIAL TEÓRICO	29
1.1 A imagem do lugar	29
1.2 Atributos morfológicos do lugar	33
1.3 A memória do lugar	37
1.4 A integração física do lugar	39
1.5 O transitório ou efêmero	41
1.6 A praça, um espaço público de qualidade	43
II - A CIDADE E A PRAÇA	47
2.1 A cidade de Joinville	47
2.2 A Praça Nereu Ramos	48
2.3 A evolução urbana da Praça Nereu Ramos	51
2.4 A centralidade da Praça Nereu Ramos	55
2.4.1 Edificações e usos no entorno da praça	59
2.4.2 Fluxo de veículos no entorno da Praça	71
2.4.3 Mobiliário e equipamentos urbanos na praça	71
2.4.4 Aspectos formais e funcionais da praça	75
2.4.5 O cotidiano da praça	78
2.4.6 A praça, um lugar de eventos	81
III - O FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE	85
3.1 O Instituto Festival de Dança de Joinville	85
3.2 O desenvolvimento do Festival de Dança.	86
3.3 O Festival de Dança de Joinville em 2011	88
3.3 A espacialização das atividades do Festival de Dança	95
3.4.1 Palcos instalados provisoriamente em espaços urbanos	101
3.5 Espaços de eventos de dança em outras cidades	114
3.6 O Festival de Dança de Joinville durante o ano	115
IV - A PRAÇA NEREU RAMOS DURANTE O FESTIVAL	119
4.1 Chegando a Praça Nereu Ramos no Festival de Dança	119
4.2 A Praça Nereu Ramos no Festival de Dança	125
4.2.1 Identificações no entorno da praça	126
4.2.2 Confluências no entorno da praça	128
4.2.3 Transformações físicas da praça	131
4.2.4 Transformações no público da praça	134
	19

4.2.4.1 Transeuntes	134
4.2.4.2 Expectadores do Festival	135
4.2.4.3 Participantes do Festival	135
4.2.4.5 Transformações no cotidiano	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

INTRODUÇÃO

As atividades urbanas residenciais de comércio, serviços e uso industrial, no seu processo de desenvolvimento acumulam funções produtivas, administrativas, econômicas, culturais, entre outras, que se modificam no decorrer dos ciclos urbanos em consequência das necessidades individuais e sociais, transformando o espaço físico da cidade. (CASTELLS, 1983; JACOBS, 2003; LEFÈBVRE, 1991)

Dentre estas atividades, algumas são permanentes, identificando o espaço físico de forma atemporal e outras são transitórias, caracterizadas por se utilizarem do espaço físico por algum tempo, resultando na paisagem urbana caracterizada pela impermanência que, muitas vezes, por motivos de posteriores mudanças morfológicas deste espaço ficam guardadas na memória individual ou coletiva, entendidas através de alguns papéis ou significados fundamentais que as formas do espaço urbano podem expressar. (LE GOFF, 1990; LEFÈBVRE, 1991; SANTOS, 1994)

Esta pesquisa propõe fazer um estudo descritivo e analítico do impacto que provoca o Festival de Dança na cidade de Joinville. Para atingir este objetivo, o estudo busca fazer uma análise das transformações urbanas através do estudo de caso da Praça Nereu Ramos, um espaço público utilizado como palco aberto pelo Festival de Dança, um evento cultural de âmbito internacional que caracterizou uma nova imagem para Joinville: a cidade da dança.

A construção do referencial teórico que dá base para este estudo aborda seis temas: a) A imagem do lugar, como orientadora do comportamento, da atenção que interfere no hábito natural da leitura da paisagem e que conduzem à lembrança de experiências passadas; b) Os elementos morfológicos do lugar, que podem orientar o observador e dar qualidade a sua forma, além de possibilitar a interação entre o observador e a paisagem; c) A memória do lugar, abrangida pela imagem ambiental na memória individual e coletiva, aquela que damos significado de acordo com nosso conhecimento adquirido individualmente e resíduo das impressões coletivas; d) A integração física do lugar, através dos objetos físicos perceptíveis atuantes sobre a imagem do lugar; e) O transitório ou efêmero no lugar, estabelecido no espaço urbano que, quando sai, deixa lembranças e causa a mudança na percepção do indivíduo que participou, interferindo diretamente na sua cultura; f) A praça, como um local de celebração da convivência e do lazer dos habitantes urbanos.

Foi realizado um levantamento histórico do Festival de Dança de Joinville, que completou no ano de 2011 vinte e nove anos de existência, e uma etapa de coleta de dados na Praça Nereu Ramos com o objetivo de observar as transformações e permanências decorrentes da alteração e/ou sobreposição e usos e funções proporcionadas pelo acontecimento do evento relacionado ao Festival de Dança de Joinville, incluindo-se um levantamento locacional da Praça Nereu Ramos, tanto no seu dia-a-dia como na sua transformação, destacando os elementos estruturais e definindo sua imagem de acordo com a leitura dos objetos arquitetônicos e urbanos da praça e seu entorno.

Somado ao estudo do estado da arte¹ sobre o tema, outro recurso de levantamento de dados utilizado foi à captação de fotografias do local em estudo em seus diferentes momentos, no seu cotidiano, antes e depois da realização do evento, assim como durante o evento, além de entrevistas informais com transeuntes e usuários da Praça Nereu Ramos, expectadores, dançarinos e prestadores de serviços do Festival de Dança e também com funcionários do comércio local.

Tornou-se inevitável a apreensão de estímulos percebidos como essenciais para entender imagem em seu gênese e em suas modificações, captados através de depoimentos com os usuários do local. Com esse estudo foi possível o entendimento sobre a formação da nova identidade da cidade na memória que a caracteriza.

Com esta pesquisa, também se pretende contribuir para a consolidação do entendimento da cidade e suas transformações decorrentes das atividades transitórias, oferecendo subsídios aos responsáveis pelo planejamento urbano na construção do conhecimento sobre análise urbana, fortalecendo os conhecimentos de metodologias de pesquisa em arquitetura e urbanismo e contribuindo para o planejamento das cidades, assim como servindo de exemplo para a instalação de outras atividades transitórias.

¹ A denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, se define como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA - AS PESQUISAS DENOMINADAS “ESTADO DA ARTE” <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em: mar. 2012.

OBJETIVO GERAL

Fazer um estudo descritivo e analítico, centrado no físico-ambiental e no registro do devir das pessoas locais e visitantes, do impacto que provoca o Festival de Dança na cidade de Joinville tomando como estudo de caso a Praça Nereu Ramos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Distinguir a Praça Nereu Ramos na cidade de Joinville;
Identificar e comparar as permanências e as transitoriedades em momentos diferentes: durante e fora do Festival de Dança;

Apontar as transformações físicas durante o Festival de Dança;

Verificar, durante o Festival de Dança, os locais de concentração e fluxos;

Caracterizar, nos espaços fixos e nos espaços transitórios, as atividades permanentes e as que se juntam durante o Festival de Dança;

Analisar as apropriações das atividades permanentes e transitórias durante Festival de Dança.

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Apresentam-se a seguir os elementos metodológicos que estruturaram a realização deste estudo, quais sejam; o tipo de estudo selecionado, a apresentação do local de estudo e também as o detalhamento das fontes e as coletas de dados utilizados.

Tipo de estudo

Considera-se que esta pesquisa de natureza qualitativa, sendo um estudo exploratório, do tipo Estudo de Caso.

A característica qualitativa deste estudo se estabelece pelo fato de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, e que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados é a base desse processo. Por esta razão não irá requer os uso de métodos estatístico, sendo por natureza de cunho descritivo. Silva (1996) complementa que nestes estudos qualitativos o

ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. A coleta e a análise dos dados têm como base a observação do processo e seu significado como foco principal de abordagem.

A característica exploratória deste estudo se baseia na perspectiva de Silva (1996), que destaca que é um estudo apropriado quando o objeto da pesquisa é novo ou pouco estudado. Neste sentido, um estudo exploratório pode se utilizar como técnica de levantamento de dados ou estudo bibliográfico, entrevistas informais com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e também, quando for o caso, a análise de exemplos que possam estimular a compreensão do pesquisador. A autora indica ainda que possam assumir, em geral, Pesquisas Bibliográficas e Estudos de caso.

Quanto à adoção do Método do Estudo de Caso, observa-se a indicação de Yin (2002). Para esse autor o estudo de caso é adequado quando são propostas questões de pesquisa do tipo “como” e “por que”, e nas quais o pesquisador tenha baixo controle de uma situação que, por sua natureza, esteja inserida em contextos sociais.

Esse autor ainda destaca que embora o pesquisador possa utilizar um quadro teórico referencial como ponto de partida, alguns estudos podem aparecer situações em que o pesquisador se vê frente a frente com problemas complexos a serem compreendidos deverão ser trazidas novas abordagens ou mesmo futuros estudos que ampliem o caráter exploratório do estudo.

(...) uma investigação científica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência (...) e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise dos dados. (YIN, 2001, p. 32-33)

Local do estudo

Para desenvolvimento da pesquisa, dentro do delineamento proposto, selecionou-se a Praça Nereu Ramos, localizada no bairro Centro da cidade de Joinville, Santa Catarina, Brasil.

Esta escolha se deu pelo fato desta praça ser, dentre todos os espaços que o Festival de Dança ocupa na cidade de Joinville, o espaço público com palco aberto mais bem localizado por sua centralidade e o mais visitado pelo público durante o evento, com um programa intenso de atividades que ocorre durante 10 dias do Festival de Dança.

Na Figura 1 se destaca a localização da Praça Nereu Ramos no município de Joinville.

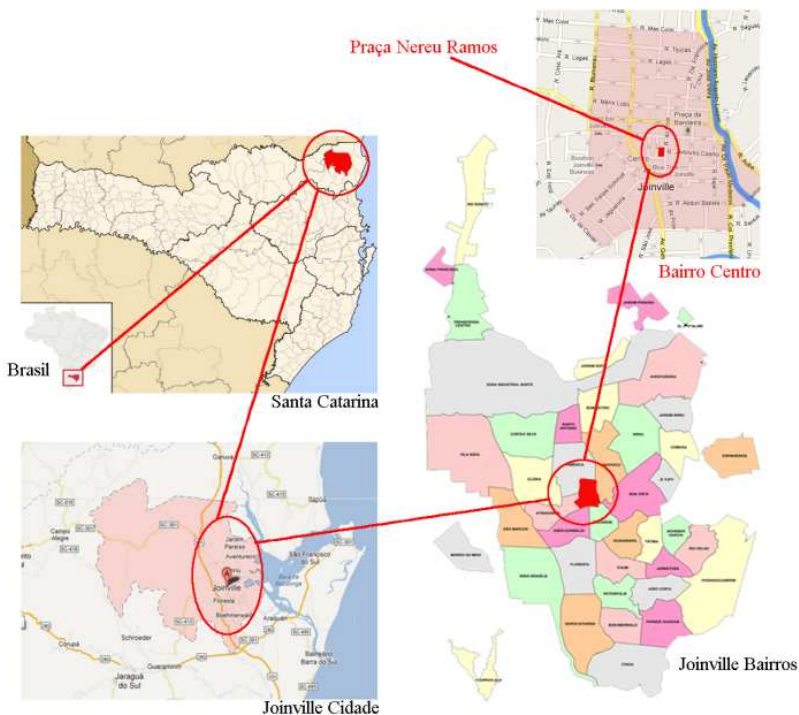


Figura 1 – Brasil - Santa Catarina – Joinville Cidade e Bairros – Centro – Praça Nereu Ramos

Fonte e coleta de dados

Mesmo antes do início deste estudo, já haviam sido realizadas visitas ao Festival de Dança. Em 1983, quando se deu o primeiro Festival de Dança em Joinville, nasceram meus primeiros questionamentos sobre a influência do festival no desenvolvimento urbano de Joinville. Depois deste momento

seguiram outras visitas, entre ano de 2008 a 2010, que para este estudo já consideramos como visitas exploratórias. Foram visitas que buscaram observar diversos espaços da cidade de Joinville: desde a entrada principal da Cidade, passando pelos bairros em que o Festival de Dança promovia seus eventos, até a Praça Nereu Ramos e seu entorno. Durante estas visitas foram registradas as impressões pessoais da pesquisadora e coletado alguns depoimentos de usuários, transeuntes, participantes e expectadores do Festival e servidores de comércio e serviços instalados nas edificações no entorno da praça.

No **Quadro 1** apresenta-se a recorrência dessas visitas exploratórias destacando-se que no ano de 2009, foi selecionado um período estendido de visita que compreendeu também dias anteriores e posteriores ao festival, visando observar também a possibilidade de interferência do festival nos diferentes espaços utilizados pelo festival na cidade. No ano de 2011 realizou-se a etapa de levantamento de dados sistemáticos deste estudo, já com delineamento do local e dos objetivos do estudo definidos, em três momentos distintos.

Quadro 1 - Períodos em que se realizaram visitas a Cidade de Joinville.

Ano da visita	Antes do festival	Durante o festival	Após o festival
2008		X	
2009	X	X	X
2010		X	
2011	X	X	X
2012	X		

Para a coleta de dados do ano de 2011, que ocorreu em várias visitas no período de maio a setembro, buscou-se fontes de dados primários e secundários obtidos tanto em materiais do evento e entrevistas informais quanto também nas páginas web do evento e da cidade de Joinville, e também de outros estudos já realizados sobre o tema, disponibilizados em dissertações e periódicos.

Parte das entrevistas informais foi realizada com funcionários do IPPUJ - Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville, do Instituto Festival de Dança de Joinville e do Arquivo Histórico de Joinville. Nesta visitas foram obtidos dados de mapas, imagens e

informações sobre a edição em que se realizou o levantamento de dados, no ano de 2011, e também das edições anteriores.

As demais entrevistas informais foram realizadas durante o Festival na Praça Nereu Ramos e arredores com transeuntes, expectadores, dançarinos e também com funcionários do comércio local e prestadores de serviços que atuavam junto à equipe de realização do evento.

Na abordagem inicial com os entrevistados, se informava que a entrevista buscava levantar impressões sobre o festival de dança para um estudo de mestrado e, depois de aceite em participar do estudo, se lançavam quatro perguntas que dependiam do tipo de entrevistado:

Para transeuntes:

- ▲ Você tem interesse em freqüentar o Festival de Dança?
- ▲ Qual é a importância do Festival de Dança para você?
- ▲ O que mais chama sua atenção durante o Festival
- ▲ O que mudou no seu trajeto durante o Festival?

Para espectadores:

- ▲ Você freqüentou anteriormente o Festival de Dança?
- ▲ O que você lembra-se dos eventos anteriores?
- ▲ O que mudou na sua vida com o Festival?

Para participantes do evento (bailarinos) e organizadores do evento (prestadores de serviço):

- ▲ Você já participou anteriormente do Festival de Dança?
- ▲ Você viu mudança na cidade de Joinville desde que o Festival de Dança iniciou?

Para servidores de comércio e serviços no entorno:

- ▲ Você vê alguma diferença no seu comércio ou serviço na época em que acontece o Festival de Dança?

O objetivo das entrevistas era conhecer a percepção a partir de informações guardadas na memória e que eram consideradas como influência na mudança de seus hábitos e também levando em conta as transformações ocorridas na cidade a partir do evento do Festival de Dança.

Com essas entrevistas informais, somadas as interpretações da pesquisadora e o mapeamento bidimensional, com reforço de imagens fotográficas capturadas no decorrer das visitas técnicas foi possível evidenciar, em diversos momentos, algumas transformações do ambiente da Praça Nereu Ramos em relação ao Festival de Dança de Joinville.

Encaminhamento dos dados do estudo

Após a finalização e aprovação deste estudo, serão encaminhadas cópias da dissertação para a Fundação Instituto de Pesquisa, para o IPPUJ - Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville e para o Instituto Festival de Dança de Joinville com objetivo de divulgar os resultados do estudo.

I - REFERENCIAL TEÓRICO

Buscar a compreensão da imagem urbana e suas transformações, considerando os valores expressos nas arquiteturas, é uma tarefa que envolve o conhecimento da origem e do processo de transformação físico-ambiental daquele espaço. Assim, para compreender e apropriar-se do ambiente que se apresenta, é necessário recorrer à história através da memória individual e coletiva contada por aqueles que vivenciaram a cidade ao longo das décadas, além disso, resgatar conceitos através de leituras sobre a imagem das cidades nas memórias e das transformações do cenário ambiental, considerando a percepção como fenômeno de compreensão dos fatos.

1.1 A IMAGEM DO LUGAR

O meio ambiente, no caso de assentamentos humanos, é a paisagem urbana que pode ser compreendida pela imagem de um lugar e sua organização espacial, construída através comunicação entre observador e observado. Conforme Lynch (2006, p. 149): “A criação da imagem ambiental é um processo bilateral entre observador e observado. O que ele vê é baseado na forma exterior, mas o modo como ele interpreta e organiza isso, e ao mesmo tempo, dirige sua atenção, afeta por sua vez aquilo que ele vê”.

Rapoport (1978) assinala que o meio ambiente, através de uma série de relações entre elementos físicos e culturais, proporciona indícios para orientar o comportamento dos que sejam capazes de lê-los. Assim, a paisagem urbana é uma forma de comunicação através da organização espacial, das atividades e das regras cognitivas, que não são mais do que a expressão de imagens culturalmente pré-determinadas.

Um cenário ambiental urbano é formado pela criação da imagem de um ambiente da cidade, num processo bilateral entre observador (cidadão) e observado (forma do lugar), formando relações ideológicas e culturais entre eles, onde o observador faz a leitura da paisagem urbana, observa o espaço urbano e suas imediações, e a partir dessa escala urbana, temporal e de complexidade de acordo com suas experiências, a paisagem é identificada.

Em concordância, Lynch (2006, p. 1), afirma que nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem à lembrança de experiências passadas.

Lynch (2006, p. 149) afirma que o organismo humano é extremamente adaptável e flexível, e grupos diferentes podem ter imagens muitíssimas

diferentes da mesma realidade exterior. Desta forma, pode-se conceber que a imagem de uma determinada realidade varia significativamente entre observadores diferentes, uma vez que cada cidadão tem vastas associações com as paisagens de sua cidade e que cada imagem está impregnada de lembranças, significados e influências atuantes sobre a cidade, assim como, significado social, função e história.

O objeto deve ter algum “significado” para o observador, seja prático ou emocional, e que isso está intimamente ligado à sua identidade e seu papel dentro de uma estrutura urbana mais ampla. Compreender o significado de uma imagem do entorno oferece ao observador um sentimento de segurança emocional, dando a ele uma base para o seu desenvolvimento. (LYNCH, 2006, p. 9)

As relações entre as pessoas e os espaços têm uma evidente correspondência física, que geralmente estabelecida forçosamente e não intencionalmente, faz com que as pessoas percebam o espaço através de estados diferenciados, chamados de sensações. Portanto, ao admirar uma paisagem urbana, a percepção dessas gera sensações diferentes em cada pessoa. Merleau-Ponty (1999, p. 28) completa com a expressão: “O visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos”.

Assim, o observador vê a imagem de um lugar através dos seus sentidos e expressões que o lugar apresenta através de sinais, de forma clara ou sutil, que identificam o lugar. Conforme Lynch (2006, p. 03, 04 e 149), muitos tipos de indicadores são usados: as sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além de outros sentidos como o olfato, a audição, o tato, a cinestesia, o sentido de gravidade e, talvez, dos campos elétricos ou magnéticos.

Essas sensações, afetadas pelo reconhecimento de algo através experiência de um estado em si mesmo, são responsáveis pela interpretação da imagem do lugar, além de que a percepção de uma imagem contaminada pela sensação anteriormente vivida falseia sua verdadeira análise, pois ao admirar qualquer paisagem, as lembranças das recordações registradas anteriormente contêm figuras sobre o fundo da imagem, influenciando positivo ou negativamente as informações que o cérebro recebe.

Merleau-Ponty (1999, P. 27) especifica a idéia de sensação:

Da mesma forma, o percebido comporta lacunas que não são simples “intercepções”. Posso, pela visão ou pelo toque, conhecer um cristal como um corpo “regular”, sem ter, nem mesmo tacitamente, contado seus lados; posso estar familiarizado com uma fisionomia sem ter percebido, por ela mesma, a cor dos seus olhos. A teoria da sensação que compõe todo o saber com qualidades determinadas, nos constrói objetos limpos de todo equívoco, puros, absolutos, que são antes o ideal do conhecimento do que seus temas efetivos; ela só se adapta à superestrutura tardia da consciência. É ali que se “realiza de modo aproximado a idéia da sensação.

Na hipótese do mundo ser apresentado com qualidades precisas, comparações não seriam necessárias para explicar qualquer paisagem. Assim a percepção apreenderia os fenômenos verdadeiros, assim como, um milagre da consciência².

No mundo tomado em si tudo é determinado. Há muitos espetáculos confusos, como uma paisagem em um dia de névoa, mas justamente nós sempre admitimos que nenhuma paisagem real, é em si confusa. (MERLEAU-PONTY, 1999, P. 27)

Portanto, se definir uma imagem, tem-se que levar em consideração não só as sensações, anteriormente, vividas pelo observador, mas também, e principalmente, o nível de atenção oferecida por ele ainda. Segundo Merleau-Ponty (1999, P. 57), uma análise mais exata mostra que a atenção supõe primeiramente uma transformação no campo mental, uma nova maneira, para a consciência, de estar presente aos seus objetos. Complementa Lynch (2006, p.54), que a imagem de uma dada realidade física pode às vezes mudar de tipo conforme as diferentes circunstâncias do modo de ver.

Para Merleau-Ponty (1999), a primeira operação da atenção é, portanto, criar-se um campo, perceptivo ou mental, que se possa “dominar”, em que movimentos do órgão explorador, em que evoluções do pensamento sejam possíveis, sem que a consciência perca na proporção daquilo que adquire, e perca-se a si mesma nas transformações que provoca:

A atenção é, portanto, um poder geral e incondicionado, no sentido de que a cada momento ela pode dirigir-se indiferentemente a todos os conteúdos

² “A compreensão de um lugar pela atenção como fenômenos que restabelecem a unidade do objeto em uma dimensão nova.” (MERLEAU-PONTY, 1999).

da consciência. Estéril em todas as partes ela não poderia ser em parte alguma interessada. Para reatá-la a vida da consciência, seria preciso mostrar como uma percepção desperta a atenção, depois como a atenção a desenvolve e a enriquece. (MERLEAU-PONTY, 1999, P. 54)

Nesse caso, a atenção não é uma associação de imagens, nem o retorno a si de um pensamento já senhor de seus objetos, mas a constituição ativa de um objeto novo que explicita e tematiza aquilo que até então só oferecera como horizonte indeterminado. Ao mesmo tempo em que aciona a atenção, a cada instante o objeto é reaprendido e novamente posto sob sua dependência.

Uma vez que a essencial comunicação entre o indivíduo e seu ambiente não se estabelece pelo curto tempo em que se encontram no ambiente físico, ao colocar a atenção na paisagem urbana, percebe-se que essas interferem no hábito natural da leitura da paisagem. Segundo Benjamim (2011, p. 247):

Toda atenção deve desembocar no hábito se não se pretende dismantelar o homem; todo hábito deve ser estorvado pela atenção se não pretende estorvar o homem. Atenção e hábito, assim como repulsa e aceitação, constituem cristas e depressões de ondas do mar da calma.

Também, Lynch (2006) afirma:

Alguém perdido em uma cidade, desorientado geograficamente, poderá ser acompanhado por um sentimento de angústia ou até o pânico pelo terror, portanto, um ambiente característico e legível reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana.

Compreende-se que a imagem ambiental, através da identificação dos objetos e da cultura de um local, tem um papel importante na estabilidade emocional do indivíduo no contexto social, pois de acordo com Lynch (2006): “a necessidade de reconhecer e identificar padrões no nosso ambiente é tão crucial e tem raízes tão profundamente arraigadas no passado, que essa imagem é de enorme importância prática e emocional para o indivíduo”.

Uma vez que a cidade explore seu potencial visual e expresse toda a sua complexidade, seu ambiente torna-se legível, oferecendo segurança e possibilitando uma experiência urbana mais rica de agradáveis estímulos sensoriais, pois é angustiante a sensação de desorientação para quem circula por uma cidade desorganizada. Um ambiente legível indica a facilidade com que as partes de um cenário urbano podem ser reconhecidas num modelo coerente.

Considera Lynch (2006, p. 3) ser a legibilidade³ crucial para o cenário urbano e ainda que não seja, de modo algum, o único atributo importante de uma bela cidade, é algo que se reveste de uma importância especial quando considerarmos os ambientes na escala urbana de dimensão, tempo e complexidade. Conforme Lynch (2006, p. 101 e 102), “se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações, se tornando assim, um verdadeiro lugar, notável e inconfundível”

1.2 ATRIBUTOS MORFOLÓGICOS DO LUGAR

Recorre-se a uma análise morfológica do lugar para compreender melhor as relações entre o homem e seu meio ambiente, cuja construção é relevante na compreensão de elementos considerados fundamentais, principalmente para processos de valorização do espaço.

Segundo Lynch (2006, p. 117 a 121), elementos que colaboram com a movimentação na cidade podem orientar o observador e dar qualidade a sua forma, auxiliando-o a deslocar-se para qualquer lugar sem receber impactos que impedem seu caminhar, possibilitando assim, uma maior interação entre o observador e a paisagem: singularidade, simplicidade da forma, continuidade, predomínio, clareza de junção, diferenciação direcional, alcance visual, consciência do movimento, séries temporais, nomes e significados.

Lynch (2006, p. 117), se refere à singularidade, quando uma imagem é formada com clareza da sua figura-plano de fundo, são essas as qualidades que identificam um elemento e o torna admirável, notável, vivo, identificável:

Fechamento do lugar (como uma praça fechada); contraste de superfície, forma, intensidade, complexidade, tamanho, uso, localização espacial (como uma torre isolada, uma decoração luxuosa ou um sinal bem visível). O contraste pode dar-se em reação ao entorno imediatamente visível ou á experiência do observador. (...) Quando aumenta seu conhecimento do espaço, os observadores parecem não depender de continuidades físicas volumosas para a organização do todo, deleitando-se com o contraste e a originalidade que dão vida a cena.

³ “... num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presentes aos sentidos. Lynch (2006, p. 11)

Quanto aos elementos clareza e simplicidade da forma, Lynch (2006) se refere à forma de um elemento tiver uma distorção topológica, apesar do elemento não ser simultaneamente visível como um todo, ela ainda pode ser compreensível:

Sentido geométrico, limitação das partes (como a clareza de um sistema de quadricula, de um retângulo, de uma cúpula). As formas desta natureza são muito mais facilmente incorporadas à imagem, e há indícios de que os observadores distorcem as formas complexas tornando-as simples, ainda que percam em termos perceptivos e práticos. (LYNCH, 2006, p. 117 e 118)

Com alusão a continuidade, Lynch (2006) declara que são qualidades que sugerem a atribuição de uma identidade única facilitando a percepção de uma realidade física complexa como sendo única ou inter-relacionada:

Continuação de limites ou superfícies (como num canal de circulação, na skyline ou no recuo); repetição de intervalo rítmico (como um padrão de esquinas); similaridade, analogia ou harmonia de superfície, forma ou uso (como num material comum usado na construção de edifícios, num modelo repetitivo de janelas de sacada, na semelhança das atividades comerciais, no uso de sinais comuns). (LYNCH, 2006, P. 118)

Mencionando o predomínio de uma parte sobre a outra, Lynch (2006, p. 118) atribui:

Em decorrência ao tamanho, a intensidade ou o interesse, resultando na leitura do todo como uma característica principal, associada a um conjunto (como na "Área da Praça Haward"). Assim como a continuidade, esse atributo permite a necessária simplificação da imagem por omissão e subsunção. Enquanto estiverem além do limiar de atenção, as características físicas parecem, até certo ponto, irradiar

conceitualmente a sua imagem, espalhando-se a partir de um centro.

Com referência à clareza de junção, Lynch (2006, p. 118) comina como resultado da:

Alta visibilidade das ligações e costuras (como numa intersecção-chave ou na orla marítima); relação e inter-relação claras (como a de um edifício com o lugar onde foi construído, ou de uma estação de metrô com a rua acima). Essas ligações são os momentos estratégicos da estrutura e devem ser extremamente perceptíveis.

Lynch (2006, p. 118), também menciona a diferenciação direcional:

Assimetrias, gradientes e referências radiais diferenciam uma extremidade da outra (como numa rua que sobe por uma colina, afastando-se do mar e tomando a direção do centro); ou que diferenciam um lado do outro (como os edifícios que dão de frente para um parque); ou uma direção da outra (como pela luz do dia ou pela largura das avenidas norte-sul). Estas qualidades são extremamente usadas na estruturação em grande escala.

Quanto ao alcance visual, para Lynch (2006, p. 119), são qualidades que aumentam o âmbito e a penetração da visão, tanto concreta quanto simbolicamente e que facilitam a apreensão de um todo vasto e complexo. Qualidades que aumentam a eficiência da visão: seu raio de ação, sua penetração e seu poder de resolução, assim como:

Transparências (o uso de vidro ou construções sobre pilotis); sobreposições (como quando uma estrutura aparece atrás da outra); vistas e panoramas que aumentam a profundidade de visão (como nas ruas axiais, nos grandes espaços abertos e nas vistas elevadas; elementos de articulação (focos, marcos militares, objetos penetrantes) que explicam visualmente um espaço; concavidade (como a de uma colina em segundo plano, ou a da curva de uma rua), que expõe objetos mais distantes ao nosso campo visual; indicadores que falem de um elemento de outra

forma invisível (como a vista de uma atividade característica de uma região subsequente ou o uso de detalhes característicos que insinuem a proximidade de outro elemento).

No caso da consciência do movimento, para Lynch (2006, p. 119), é uma qualidade que através dos sentidos visuais e cinestésicos, torna sensível ao observador o seu próprio movimento real ou potencial, reforçando e desenvolvendo aquilo que um observador pode fazer para interpretar a direção ou à distância, ou para perceber o movimento da forma em si:

São estes artifícios que melhoram a clareza de ladeiras, curvas e interpenetrações, oferecem a experiência de paralaxe e perspectiva de movimento, mantêm consistência de direção u mudança de direção, ou tornam visível o intervalo entre as distâncias.

Na ocorrência de séries temporais, na imagem de uma paisagem urbana, para Lynch (2006, p. 120), se refere a uma sequência de ligações, como uma sequência casual de marcos. Lynch conclui:

Precisamos de novas ideias sobre a teoria das formas que são percebidas como uma continuidade no tempo. São arquétipos de design que exibam uma sequência melódica de elementos da imagem, ou uma sucessão formal de espaço, textura, movimento, luz ou silhueta. A primeira sequência (a simples) é comumente usada, sobretudo ao longo de ruas e avenidas conhecidas.

Com implicação aos nomes e significados, Lynch (2006, p. 120 e 121), declara que são características não-físicas que podem aumentar a imaginabilidade de um elemento, afirmando que os nomes, por exemplo, são importantes para a cristalização da identidade e que também podem ser indicadores de lugares. O autor fala que sistemas de nomeação podem facilitar a estruturação dos elementos, como por exemplo, as ruas designadas por ordem alfabética, e que significados e associações reforçam fortemente as sugestões de identidade ou de estrutura que podem estar latentes na própria forma física.

1.3 A MEMÓRIA DO LUGAR

A leitura da paisagem urbana é uma interpretação a partir de estímulos sensoriais e construções psicológicas/sócio/cultural formando uma imagem mental, formada como consequência da imagem que se têm do local somada às experiências anteriores, através da ilusão intimamente ligada aos acontecimentos individuais ou sociais. Em cada modificação do espaço, se cria um processo em que o indivíduo forma uma nova imagem sobre o ambiente, modificando a sua percepção.

No caso da modificação de um espaço físico na cidade, as alterações e substituições das atividades humanas relacionadas com o uso deste espaço também se transformam e, independente da interação entre a forma urbana e o comportamento humano ser concordante ou conflituosa, essas alterações causam impactos por terem que ser compreendidas, assimiladas e aceitas de forma imposta. Benjamin (2011, p. 73), complementa que a experiência do “choque” das surpresas encontradas no meio urbano leva o usuário do espaço da cidade a se enriquecer vivencialmente.

A imagem da cidade é adaptável às percepções de seus cidadãos no decorrer do tempo. Dificilmente nos lembramos de algo fora do quadro de referências sociais, pois o externo tem um papel fundamental, tanto nos processos de produção da memória como na rememoração.

A memória é algo em permanente processo de transformação, aglutina-se e retira-se de acordo com as transformações do indivíduo, confrontam-se lembranças de seu meio individual e social em quadros suficientemente respaldados para que elas possam nele dispor e encontrar suas lembranças. Conforme Merleau-Ponty (1999, p. 35-36), ao admirar uma paisagem modificada, as imagens anteriores são imediatamente recordadas e mescladas com a atual. Sendo ela, limitada e relativa, tem uma realidade plena refletida em tempo e espaço definido.

No caso da relação entre memória e evento transitório, se admite que não exista memória sem que essa se desenvolva num quadro espacial e na medida em que os elementos arquitetônicos e os traçados urbanos se modificam, vão se formando novas imagens individuais ou coletivas.

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do

espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável. (HALBWACHS, 2009, p. 159)

A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que o indivíduo se relaciona. Impregnado de memórias, o indivíduo rememora as contexturas dos diferentes grupos com que se relaciona, de maneira que, mesmo não estando na presença deles, percebe, a partir das experiências, uma unidade que parece ser unicamente sua. As lembranças, a partir de um grupo, são carregadas de memórias afetivas. A memória se modifica e se rearticula conforme as relações estabelecidas nos diferentes grupos, a posição que ocupa e a forma em que participa.

Os estudos empreendidos por Halbwachs (2009, p. 121) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória⁴. Para o autor, a memória individual remete a um grupo. É no contexto das relações sociais que construímos as nossas lembranças. O indivíduo está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições carregando em si as lembranças desta convivência, pois a imagem espacial se forma com a história do lugar, com o cotidiano e os acontecimentos que marcam a vida individual ou em grupo dos que ali vivem.

Considerar o oposto seria imaginar que nossa consciência está encerrada em si mesma. As suas percepções seriam apenas estados subjetivos, e que em nada revelariam a existência dos objetos externos. Não obstante, se pressupor que o indivíduo está encerrado em si mesmo e nada conhece do mundo exterior, uma percepção sensível não deterá absolutamente a corrente de estados perceptivos mais do que uma impressão afetiva ou um pensamento qualquer. Essa percepção há de se incorporar às experiências vivenciais, sem fazer a pessoa sair de si mesmo. (HALBWACHS, 2009, p. 121)

⁴ A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Le Goff (1990, p. 423)

A cidade é representada também pela imagem da memória coletiva, portanto, àquilo que percebemos como algo característico e que damos consistência na proporção do nosso conhecimento adquirido individualmente, pode ser um resíduo da impressão coletiva. “Essa imagem consagrada pela memória coletiva está associada aos valores próprios da comunidade local e constitui a imagem que simboliza a sua identidade.” (VAZ, 2003, p.145)

Portanto, a imagem de um lugar permanece na memória do indivíduo que a lê de acordo com os aspectos da imagem formada pela sociedade em que vive e a lembrança desta imagem espacial fica gravada na memória coletiva se refletindo posteriormente na memória individual.

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. (HALBWACHS, 2009, p. 43)

No caso da relação entre memória coletiva e evento transitório, se percebe que não há memória sem que essa se desenvolva num quadro espacial. A memória é algo em permanente processo de transformação, aglutina-se e retira-se de acordo com as transformações do indivíduo, confrontam-se lembranças de seu meio individual e social em quadros suficientemente respaldados para que elas possam nele dispor e encontrar suas lembranças, sendo ela, limitada e relativa, tem uma realidade plena refletida em tempo e espaço definido.

1.4 A INTEGRAÇÃO FÍSICA DO LUGAR

O meio ambiente é parte integrante das culturas e o homem é profundamente ligado à paisagem em que vive. Assim, apesar de um lugar ser desorganizado, a pessoa trabalha, cria e interage em harmonia com a paisagem desse lugar. Para Castelo (2007, p. 14):

Um lugar é um espaço qualificado, ou seja, um espaço que se torna percebido pela população por motivar experiências humanas a partir da apreensão de estímulos ambientais. Podemos dizer que um ambiente ordenado pode servir como um vasto sistema de referências, um organizador de atividades, de crenças ou de conhecimento.

De acordo com Lynch (2006, p. 52 a 67), além do seu significado social, sua função, sua história ou até mesmo seu nome, os efeitos dos objetos físicos perceptíveis no lugar são influências atuantes sobre a imagem do lugar, tais como: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos.

Lynch (2006, p. 52) afere com relação às vias:

São canas de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais ou ferrovias. Para muitas pessoas, são estes os elementos predominantes em sua imagem. Os habitantes de uma cidade observam-na à medida que se locomovem por ela, e, ao longo dessas vias, os outros elementos ambientais se organizam e se relacionam.

Com relação ao limites, Lynch (2006, p. 52) afirma que:

São os elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rio, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes, São referências laterais, mais que eixos coordenados. Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região da outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram. (...) São importantes características organizacionais.

Quando Lynch (2006, p. 52), fala sobre os bairros, ele se refere:

Regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que o identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora.

Os pontos nodais podem ser encontrados em praticamente qualquer imagem, e em certos casos podem ser o traço dominante. Nesse caso, Lynch (2006, p. 52 e 53) menciona sobre sua identificação:

São pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou uma praça fechada.

Sobre marcos Lynch (2006, p. 53 e 54) alude que são algum tipo de referência, mas, neste caso, o observador não entra neles, pois são externos:

Em geral são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, sinal, loja ou montanha. (...) Outros marcos são basicamente locais, sendo visíveis apenas em lugares restritos e a partir de uma certa proximidade. São eles os inúmeros anúncios e sinais, fachadas de lojas, árvores, maçanetas de portas e outros detalhes urbanos que preenchem a imagem de portas e outros detalhes urbanos que preenchem a imagem na maioria dos observadores. São geralmente usados como indicadores de identidade, ou até de estrutura, e parecem tornar-se mais confiáveis à medida que um trajeto vai ficando cada vez mais conhecido.

1.5 O TRANSITÓRIO OU EFÊMERO

Entender a arquitetura efêmera é pensar em um fenômeno de múltiplas dimensões, exigem que se levem em consideração, simultaneamente, aspectos econômicos, políticos, culturais e urbanísticos, como campos inter-relacionados. Sua importância é justamente a possibilidade que tem de ser cambiável e passível de ser modificada de acordo com as necessidades e adaptada ao ambiente, conforme Kronenburg (1998):

A arquitetura efêmera existe em um tempo determinado no espaço em que está inserida. Essa arquitetura ao longo do tempo se manifestou de várias maneiras. Com o domínio da tecnologia e os estudos constantes das estruturas tensionadas, possibilitaram o uso da arquitetura efêmera em grande escala,

seja em eventos dos mais variados tipos. “A entre estruturas permanentes e temporárias é apenas uma questão de tempo. Na verdade, o lugar existe separadamente da paisagem: em muitos casos os edifícios permanecem, mas seu significado não, deixando para trás cascas vazias e não tem mais a mesma importância ou revelariam que um dia tiveram.

As arquiteturas efêmeras informam novas idéias deixando lembranças e causam mudanças na percepção interferindo diretamente na vida dos habitantes do local em que elas são implantadas. Nas situações rotineiras, o construído funde-se com o lugar, constitutivamente, mas no caso da arquitetura efêmera, normalmente sua construção provisória no espaço, aquela que tem em seu início a anuência de que precisa ser desmontada, transforma a paisagem dando um novo significado ao lugar.

O objeto deve ter algum “significado” para o observador, seja prático ou emocional, e que isso está intimamente ligado à sua identidade e seu papel dentro de uma estrutura urbana mais ampla. Compreender o significado de uma imagem do entorno oferece ao observador um sentimento de segurança emocional, dando a ele uma base para o seu desenvolvimento. (LYNCH, 2006, p. 9)

A influência de um evento vivido anteriormente é essencial, uma vez que o lugar poderá ser ilustrado para sempre, de forma individual ou coletiva, através da formação de uma aura abstrata. No caso de um evento transitório, como a imagem ambiental de um lugar permanece interligada com seu significado, aquele momento vivido anteriormente conserva-se, por trás da sua identificação, presente em todo o processo de valoração do lugar.

Há um tipo de interações entre pessoas e ambiente no qual se pode ressaltar o papel que desempenha a dimensão espacial, uma dimensão que envolve fenômenos relativos à natureza física dos lugares, à sua constituição material, à objetiva morfologia de que são feitos – um papel que acentua as experiências relativas a uma “aura” de que se cerca o lugar, mesmo que, às vezes, uma aura apenas abstrata”, não mais que um halo invisível que desponta das interações pessoas-ambiente, suficiente, porém para marcar o lugar. (CASTELLO, 2007, p.17)

Para o observador, material ou abstrata, esta aura terá sido adquirida em função de qualificações naturais, agradáveis, sensoriais, paisagísticas, enfim, será uma aura estimulada por elementos do imaginário espacial local, ficando guardados na memória.

1.6 A PRAÇA, UM ESPAÇO PÚBLICO DE QUALIDADE

A praça é um espaço qualificado por sua tradição, um ambiente motivador de experiências humanas pela apreensão de estímulos ambientais, tal como manifesta Carvalho (1994):

Uma praça de grandes manifestações, uma esquina boêmia, um píer na praia, um café centenário, um edifício histórico, são fundamentos de uma cidade análoga, que se repõe insistentemente, mesmo que a cidade real se altere.

Conforme Serdoura e Silva (2006 apud JACOBS e APPLEYARD, 1987 e PORTAS, 1987):

A praça é construída com objetivo de se ter a vivência; a identidade e o controle; o acesso a oportunidades, imaginação e distração; a autenticidade e significado; a vida pública e comunitária; a auto-confiança urbana e o bom ambiente para todos.

Nas praças condensam em si, as principais funções e as principais razões de natureza política e social que deram origem as cidades, espaços públicos e de livre acesso na cidade, que como tal, tem a função de representar o equilíbrio entre o privado e o público, ambiente em que se estabelecem ideais e crenças que ajudam a formar as idéias comuns da mesma sociedade, ou seja, a personalidade coletiva.

Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a

não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública. (ARENDDT, 2007, p. 59 e 60)

Ao longo da sua história, a praça, pelo seu uso, tornou-se um lugar necessário na vida da população local, representada como um lugar especial na cidade, uma condição inerente à experiência humana:

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição da sua existência. (ARENDDT, 2007, p. 17)

A percepção mental apreendida pelo indivíduo, suas avaliações e preferências sobre o ambiente, de caráter subjetivo, mas também sociocultural, representa a imagem pública do lugar. “Tudo o que vem do público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível, portanto, transforma-se em comum a todos.” (ARENDDT, 2007, p. 59)

É incontestável caracterizar a praça como um espaço público e urbano, um local de celebração da convivência e do lazer dos habitantes urbanos. Uma vez que não se tem com exatidão uma definição única de praça, vários autores divergem sobre o assunto, entretanto, conforme (SOUZA, p. 9-10), tem-se dito que, por excelência, é um lugar de ricas trocas culturais:

A praça seja ela do período neolítico, grego, romano, da idade média, do renascimento, do modernismo, pós-modernismo, contemporânea ou colonial, é com toda certeza o espaço comum onde se encontra e se proporciona a diversidade cultural, e com a evolução dos processos de globalização não só as informações como as populações dos mais diversos lugares do globo tiveram livre acesso a todos os territórios do mais diferentes locais e distâncias, os fluxos migratórios decorridos das guerras foi outro fato, propiciador da mistura étnica e cultural, e o espaço físico urbano de encontro de todos esses, povos, culturas e raças é incontestavelmente a praça.

A praça se apresenta hoje como um lugar que oferece estímulo à manifestação da pluralidade, uma qualificação intrínseca a um lugar urbano e as interferências em seu espaço físico, causam mudanças na cultura dos que dividem seu espaço.

A reinterpretção das formas urbanas e dos modos tradicionais de desenhar a cidade à luz das necessidades contemporâneas, a recriação do papel

simbólico e funcional das praças, a referência a morfologias fortemente enraizadas na cultura e na tradição locais, são a melhor estratégia para estruturar novas formas de urbanidade que assegurem a continuidade de relação com a nossa cultura e o nosso imaginário. (TEIXEIRA, 2006, p. 1)

“Os lugares nessa categoria se qualificam a partir de uma evocação da “memória” coletiva das pessoas a respeito de fenômenos do ambiente onde vivem essas pessoas, evocam a formação histórica de sua cidade, evocam as formas construídas de acordo com os padrões arquitetônicos vigentes em diferentes períodos históricos, e evocam lendas, resulta de fenômenos da memória estimulada por elementos do imaginário temporal local” CASTELLO, 1985 (2007, p. 17).

II - A CIDADE E A PRAÇA

Esse capítulo apresenta a cidade de Joinville, com seus títulos identitários, demonstrando o Festival de Dança como influente na identidade da cidade, seguida de uma breve revisão da evolução urbana da Praça Nereu Ramos com uma posterior descrição de sua configuração física, dos seus principais usos, dos seus ambientes criados e da ambiência final em sua apropriação cotidiana.

2.1 A CIDADE DE JOINVILLE

Localizada no Brasil, estado de Santa Catarina (Figura 1), a cidade de Joinville abrange uma área de 1.147,05 km², sendo 212,6 km² de área urbana e 922,45 km² de área rural, com uma população de 515.228 habitantes⁵ e é formada por 42 bairros: Adhemar Garcia, América, Anita Garibaldi, Atiradores, Aventureiro, Boa Vista, Boehmerwald, Bom Retiro, Bucarein, Centro, Comasa, Costa e Silva, Espinheiros, Fátima, Floresta, Glória, Guanabara, Iririú, Itaum, Itinga, Jardim Iririú, Jardim Paraíso, Jardim Sophia, Jarivatuba, João Costa, Morro do Meio, Nova Brasília, Paranaguamirim, Parque Guarani, Petrópolis, Pirabeiraba, Profipo, Saguapu, Santa Catarina, Santo Antônio, São Marcos, Tupy, Ulysses Guimarães, Vila Cubatão, Vila Nova e Zona Industrial Norte⁶.

Motivada por suas transformações urbanas, Joinville criou identidades singulares: "Cidade dos Príncipes", caracterizada pelo cenário das influências físicas e históricas da cidade, tidas pela presença de membros da Família Real no século XIX; "Cidade Jardim", acarretada pelo forte cultivo de flores, costume adotado pelos primeiros imigrantes em 1851; "Cidade das Bicicletas", originada pelo grande número de bicicletas com relação à população em 1950; "Cidade da Chuva", por ser a segunda cidade de maior umidade do país.

Também neste contexto, estão agregadas outras manifestações culturais influentes na transformação da cidade de Joinville: festivais de dança, músicas, competições esportivas, shows e congressos realizados durante o

⁵ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, Censo Demográfico 2010. (Acesso: Mar. 2012)

⁶ Joinville Cidade em Dados <http://www.ippuj.sc.gov.br/conteudo.php?paginaCodigo=23> (Acesso: Mai. 2011)

ano inteiro trazendo milhares de turistas para a cidade que recentemente passou a sediar o Joinville Jazz Festival, um festival de música instrumental.

Estas atividades são temporárias e na sua maioria não dispõe de espaço definido para sua produção artística, acontecendo em centros culturais, museus, casa da cultura, centro de eventos, mercado público, teatros, na Cidadela Cultural Antártica (antiga fábrica de cervejas), e também em escolas, universidades, associações de moradores, igrejas e praças públicas.

Algumas destas atividades com o tempo acabaram se tornando periódicas, tal como o Festival de Dança de Joinville, objeto desta pesquisa. Esse Festival é um evento que acontece anualmente, e ao que parece, após inúmeros anos de acontecimentos tornou a cidade de Joinville o centro da dança no Brasil, produzindo a ela mais um título: “A Cidade da Dança”.

2.2 A PRAÇA NEREU RAMOS

A escolha deste local para estudo de caso se deu, entre outros fatores, pelo motivo de que, segundo informações do Instituto Festival de Dança de Joinville, ininterruptamente, desde a sua 1ª edição em 1983, um palco é instalado na praça para os espetáculos de danças, sendo atualmente, o palco aberto com maior infra-estrutura e o mais visitado durante o Festival de Dança.

Observa-se a Praça Nereu Ramos com predomínio de potencial de espaço público presente na história da cidade, através do seu espaço físico e da sua identidade (LYNCH 2006, p. 118)

Conforme Castelo (2007, p. 14), pode-se dizer que a Praça Nereu Ramos é um espaço qualificado, ou seja, um ambiente ordenado que serve como sistema de referências, organizador de atividades, de crenças ou de conhecimento.

A Praça Nereu Ramos ocupa parte de uma quadra circundada pelas ruas: Rua São Joaquim ao oeste, Rua Niemeyer ao sul, Rua Príncipe ao leste e Rua Nove de Março ao norte. Com referência a Lynch (2006, p. 52), as vias cercam a praça, limitando e organizando os elementos que se integram a ela através do seu recorte que abre espaço, passagens de pedestres, ponto de táxi e estacionamentos de carros e motocicletas.

A Rua Jerônimo Coelho que termina na Rua do Príncipe ao oeste. Ao norte, o prédio do IPREVILLE e do quiosque Bar-Lanchonete, elementos que se integram à praça, pertencentes ao lote vizinho. Por trás desses, é definido o espaço utilizado pelos usuários por uma passagem de pedestres ligando a Rua São Joaquim ao leste à Rua do Príncipe ao oeste (Figura 2).

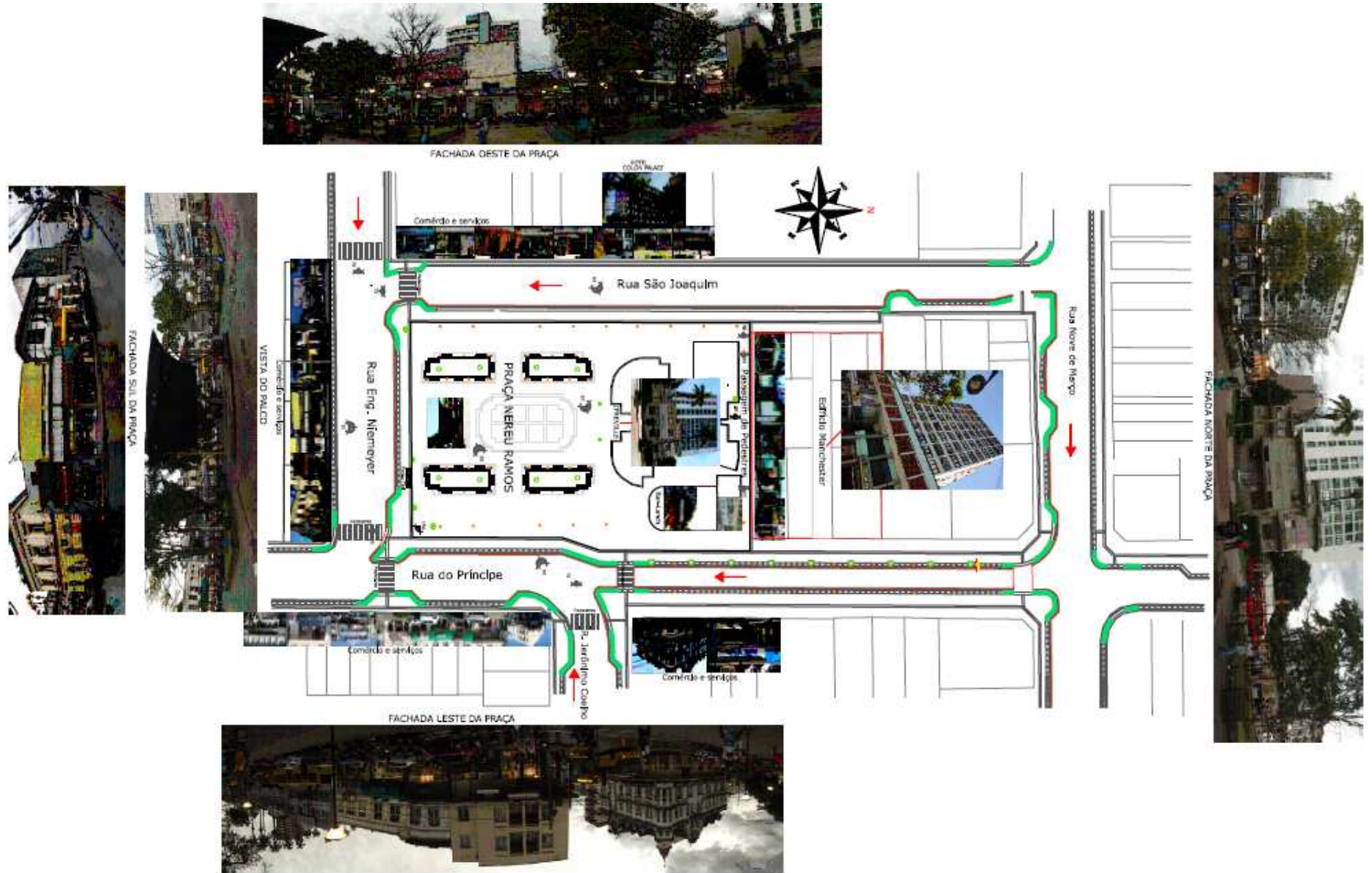


Figura 2 – Projeto atual da Praça Nereu Ramos revitalizada com edificações no entorno.
 Fonte de base: IPPUJ (Mapa sem escala)

2.3 A EVOLUÇÃO URBANA DA PRAÇA NEREU RAMOS

Dados retirados do Jornal NA-A NOTÍCIA⁷ reiteram que a primeira transformação física no local, que afetou sensivelmente a cultura urbana da cidade de Joinville, foi no início do século XX, quando o terreno da atual Praça Nereu Ramos foi transformado em uma praça, chamada de Praça Carlos Gomes, nome de um consagrado compositor brasileiro. Na época, havia um comércio instalado no local, em frente à Rua São Joaquim, cuja construção foi vendida à Prefeitura, que se instalou juntamente com a Câmara de Vereadores, o Fórum e a agência dos Correios. Neste prédio, também funcionavam as sessões do tribunal do júri de Joinville (Figura 3).

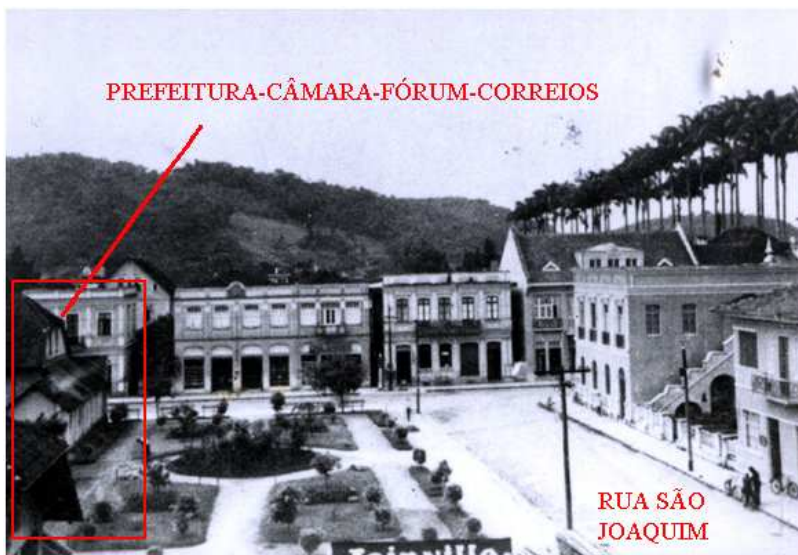


Figura 3 – A Praça no início do séc. XX - Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default.jsp?uf=sc&local=1&newsID=a3153172.xml&channel=null&tipo=1§ion=Geral> (Acesso: Set. 2011)

Em meados da década de 1930, a Praça Carlos Gomes passou a ser denominada de Praça Nereu Ramos em homenagem a Nereu de Oliveira Ramos, um interventor federalista do Estado Novo em Santa Catarina. Nesta

⁷ <http://www1.an.com.br/jville2001/pg09.htm> (Acesso: Set. 2011)

época, a praça foi revitalizada, o antigo prédio foi demolido e foi construído o prédio do Correios e Telegraphos (Figura 4) que atualmente funciona como sede do IPREVILLE – Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Joinville.

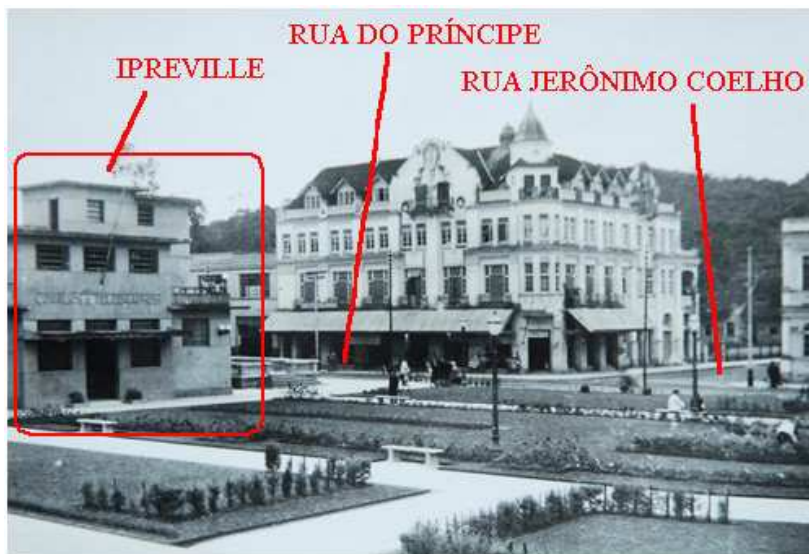


Figura 4 – Praça Nereu Ramos em 1930 - Fonte:
<http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a3373924.xml> (Acesso: Set. 2011)

A Praça Nereu Ramos é um conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de agradável beleza, permanecendo com sua identidade preservada desde a sua implantação por ser um espaço público de qualidade que vem sendo revitalizado sem perder a ligação com a população, e o significado de espaço polarizador de população e atividades. Tem-se a praça Nereu Ramos como um local de acesso a oportunidades, imaginação, distração e significado de vida pública e comunitária concentrando a vida pública e cívica da cidade, constituindo-se num espaço público significativo do município.

Em 1982, uma nova revitalização integrou a Praça Nereu Ramos com um calçadão na Rua do Príncipe, dando nova configuração ao local. Nesta reforma foi implantado um coreto de concreto em frente ao prédio do Correios e Telégrafos (Figura 5), no qual era comum nos finais de tarde de domingos e

feriados, se apresentar a banda do então 13º Batalhão de Caçadores, atual 62º Batalhão de Infantaria⁸.

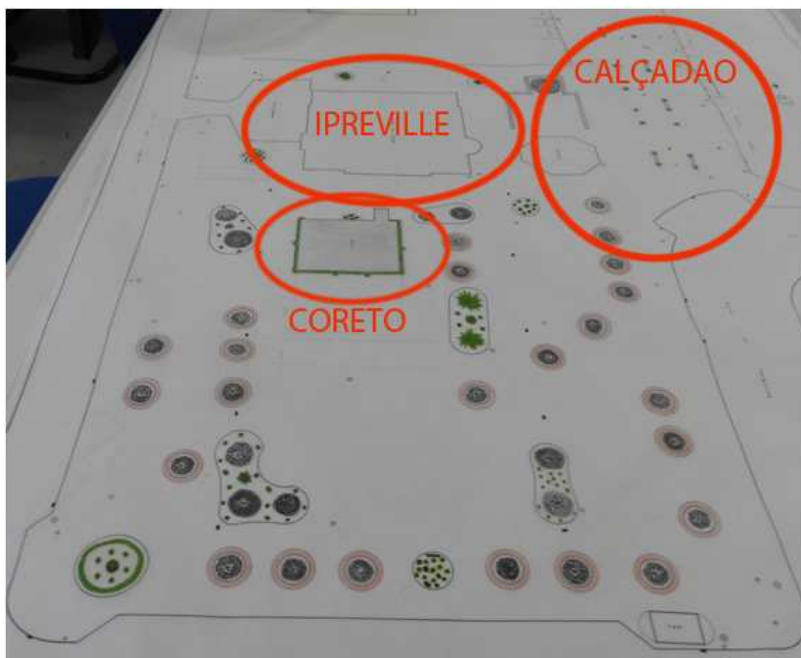


Figura 5 – Projeto de revitalização da Praça Nereu Ramos em 1982
Fonte: IPUJ – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville

Em 1983, quando iniciou o Festival de Dança de Joinville, a Prefeitura construiu um palco provisório em frente ao coreto, para atender o espetáculo de dança (Figura 6 e Figura 7).

⁸ AN – NOTÍCIA <http://www1.an.com.br/jville2001/pg09.htm> (Acesso: Set. 2011)



Figura 6 – Espetáculo de dança
Fonte: Jornal NA (Data: 18/07/1995)



Figura 7 – Espetáculo de dança
Fonte: Jornal NA (Data: 20/07/1995)

Mais adiante, outra reforma foi executada dando nova configuração à Praça Nereu Ramos. O calçadão da Rua do Príncipe permaneceu e foi retirado o coreto de concreto para a construção de um palco, do lado oposto ao prédio do IPREVILLE, de modo a atender aos eventos realizados, principalmente os espetáculos do Festival de Dança de Joinville (Figura 8).

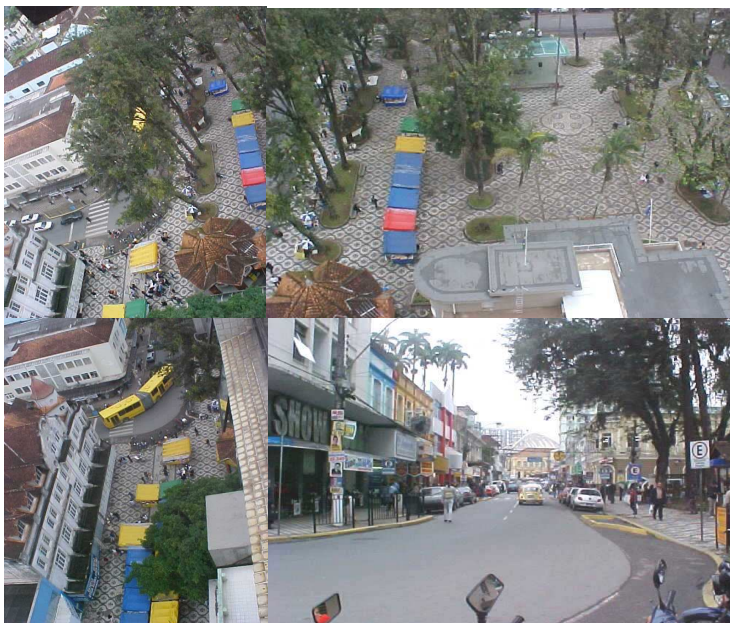


Figura 8 – Fotos da Praça Nereu Ramos com calçadão - revitalizada
Fonte: (IPUJ, 2011)

Em 2003, o espaço físico da Praça Nereu Ramos foi revitalizado para a atual configuração (Figura 9). O calçadão na Rua do Príncipe foi aberto para a circulação de automóveis, novos canteiros foram implantados.



Figura 9 – Vista Parcial da Praça atual (Jun. 2011)

2.4 A CENTRALIDADE DA PRAÇA NEREU RAMOS

Nesse espaço em que se encontra a Praça Nereu Ramos circundada por atividades importantes da cidade (Figura 10), a apropriação no tempo construiu a experiência do vivido e transformou o espaço em território, dotado de uma função e onde se manifestam as relações de sociabilidade.

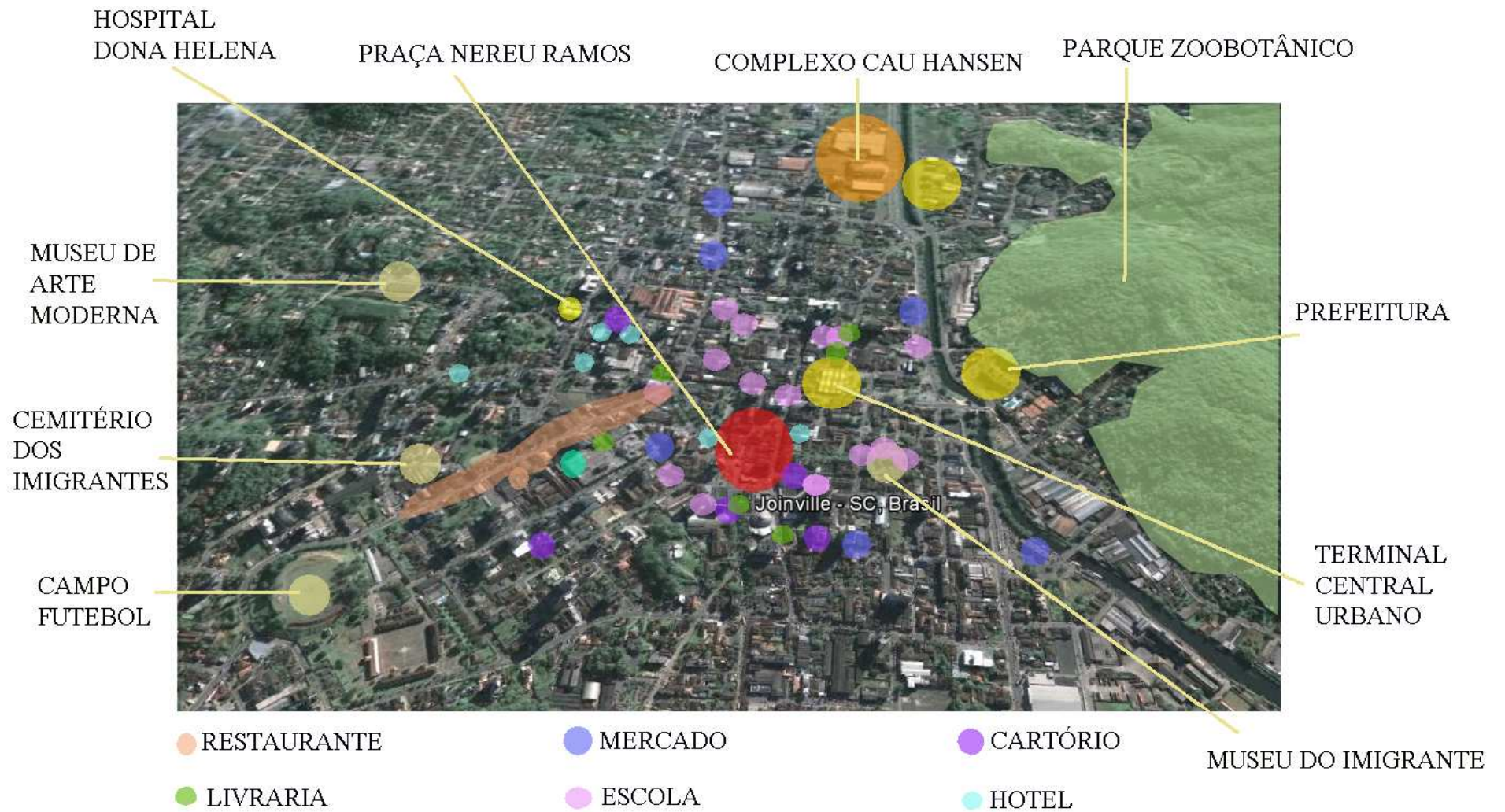


Figura 10 – A centralidade da Praça Nereu Ramos

2.4.1 EDIFICAÇÕES E USOS NO ENTORNO DA PRAÇA

Na análise da Praça Nereu Ramos, as características de singularidade e continuidade tratadas por Lynch (2006, p. 117 e 118), podem ser demonstradas a partir das edificações que fazem o fechamento da praça, formado por uma sequência ininterrupta de prédios, na sua maioria por prédios de um até três pavimentos.

Também, com referência a Lynch (2006, p. 52), pode servir de limites interligando os três lados da praça através de suas atividades comerciais e de serviços, servindo-se da praça, como cruzamento entre elas.

Comércio e serviços encontrados na Rua São Joaquim (Figura 11) Credicard, Edifício Comercial, Cabeleireira, Lotérica - Caixa Econômica Federal, Xerox, Restaurante, Hotel Colon Palace e Lanches.

A imagem (Figura 12) demonstra a vista oeste da Praça Nereu Ramos, desde o centro da praça, demonstrando o alcance visual (LYNCH, 2006, p. 119) através da vegetação da praça e dos edifícios que compõe a fachada desta rua, marcados pelo *skyline*.

Comércio e serviços encontrados na Rua Eng. Niemeyer (Figura 13) Ótica, Lanchonete, Magazine, Cabeleireiro, Lanchonete, Banco PanAmericano e Sebo.

A imagem (Figura 14) marca o *skyline* para demonstrar a vista sul desde a calçada Praça Nereu Ramos através dos edifícios que compõe a fachada desta rua, demonstrando o alcance visual (LYNCH, 2006, p. 119).

Comércio e serviços encontrados na Rua do Príncipe (Figura 15) edifício do antigo Hotel do Príncipe, Show Modas, Calçados Exclusiva, Farmácia Popular, Casa China, Galeria das Palmeiras, Chaveiro Muller e Loja do Príncipe.

A imagem (Figura 16) demonstra a vista leste da Praça Nereu Ramos, desde a calçada da praça, demonstrando o alcance visual (LYNCH, 2006, p. 119) marcados pelo *skylin* através da vegetação e mobiliário urbano da praça e dos edifícios que compõe a fachada desta rua.



Credicard



Edifício Comercial



Cabeleireira



Lotérica-CEF



Xerox



Restaurante



Hotel Colon Palace



Lanchonete

Figura 11 – Comércios e serviços encontrados na Rua São Joaquim (Mai. 2012)



Figura 12 – Skyline da vista oeste desde o centro da Praça Nereu Ramos na Rua São Joaquim (Jun. 2012)



Ótica



Lanchonete



Magazine



Cabeleireiro e Lanchonete



Banco PanAmericano



Sebo

Figura 13 – comércios e serviços no Festival de Dança, instaladas na Rua Niemeyer (Jul. 2011)



Figura 14 – Skyline da vista sul desde a calçada da Praça Nereu Ramos na Rua Niemeyer (Jun. 2012)



Antigo Hotel do Príncipe



Show Modas



Calçados Exclusiva



Farmácia Popular



Casa China



Galeria das Palmeiras



Chaveiro Muller



Loja do Príncipe

Figura 15 – Comércios e serviços no Festival de Dança, instaladas na Rua do Príncipe (Jul. 2011)



Figura 16 – Skyline da vista leste desde a calçada da Praça Nereu Ramos na Rua do Príncipe (Jun. 2012)

Elementos que podem servir de referência para a localização da Praça Nereu Ramos: na Rua do Príncipe se encontra um edifício o Condomínio Edifício Manchester (Figura 17), com pavimento térreo mais quatorze andares, localizado trás do prédio do IPREVILLE e na Rua São Joaquim, o Hotel Colon Palace (Figura 18) um edifício com pavimento térreo mais seis andares, edificações com clareza e simplicidade da forma, qualidades descritas por Lynch (2006, p. 117 e 118),



Figura 17 – Edifício Manchester
(Mai. 2011)



Figura 18 – Hotel Colon Palace
Fonte: <http://www.malapronta.com.br/hotel1548-hotel-colon-palace> (Acesso: Mai. 2012)

Um prédio valorizado que faz frente à Praça Nereu Ramos, com suas aberturas principais voltando-se para a praça, é a edificação do IPREVILLE – Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos (Figura 19) implantado no lote vizinho, que pode ser referido à praça como tendo qualidade de singularidade e clareza de junção, conforme Lynch (2006, p. 117 e 118).

Também, faz frente à Praça Nereu Ramos, ainda no lote vizinho, ao lado do Prédio IPREVILLE, o Bar-lanchonete (Figura 20) que se ocupa da praça com a instalação de mesas e cadeiras para acomodação de seus clientes.

A imagem (Figura 21) demonstra o alcance visual (LYNCH, 2006, p. 119) da vista leste da Praça Nereu Ramos desde seu centro, apresentado pelo skyline composto pela vegetação da praça e os edifícios das fachadas: prédio do IPREVILLE, Bar-lanchonete e Condomínio Edifício Manchester à frente, o

Hotel Colon Palace à esquerda na Rua São Joaquim e edifício, Rua do Príncipe.

Comércio e serviços encontrados na Passagem de Pedestres (Figura 22) localizados no térreo do condomínio Edifício Manchester, com 15 pavimentos: Brechó da Revista, Lotérica da Caixa Econômica Federal, Dalva Presentes, Salão de Beleza Lizon, Joalheria e Ótica Pérola e Sorveteria.



Figura 19 – IPREVILLE (Mai. 2011)



Figura 20 – Bar-Lanchonete (Mai. 2011)

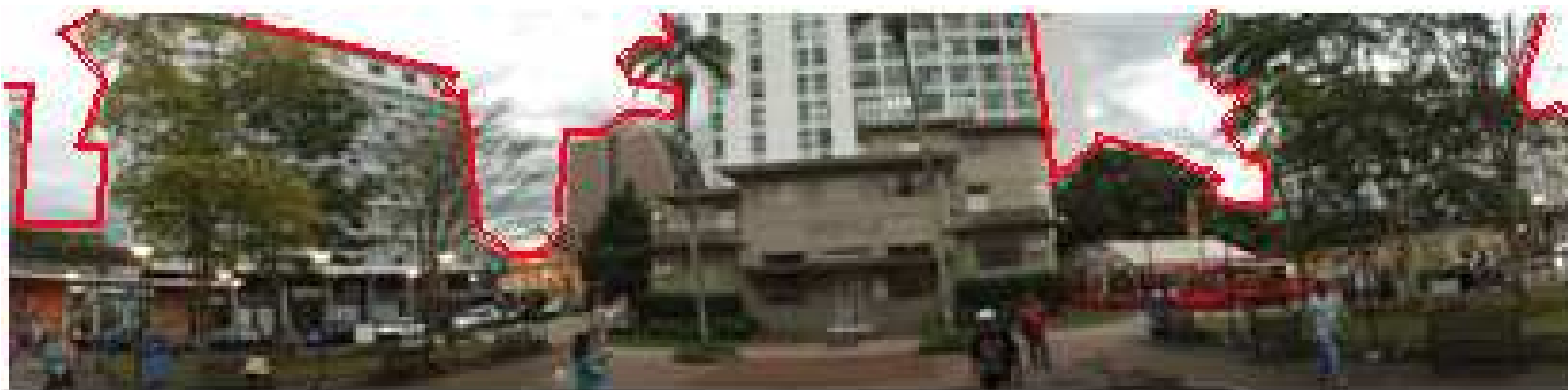


Figura 21 – Skyline da vista leste desde o centro da Praça Nereu Ramos (Jun. 2012)



Brechó da Revista



Lotérica da CEF



Dalva Presentes



Salão Lizon



Joalheria e Ótica Pérola

Figura 22 – Imagens de comércios e serviços no Festival de Dança, instaladas na passagem pedestres (Jul. 2011)

2.4.2 FLUXO DE VEÍCULOS NO ENTORNO DA PRAÇA

Nas Ruas São Joaquim (Figura 23) e Eng. Niemeyer (Figura 24) o fluxo de automóveis é tranqüilo e de fácil estacionamento.

Já na Rua do Príncipe (Figura 25) e Rua Jerônimo Coelho (Figura 26) há uma maior circulação de automóveis. Nessas ruas se podem encontrar ônibus urbanos circulando.

2.4.3 MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTOS URBANOS NA PRAÇA

Encontram-se implantados na Praça Nereu Ramos os seguintes itens de mobiliário e equipamentos urbanos: bancos, lixeiras e luminárias (Figura 27) mesas de jogo de xadrez (Figura 28), ponto de táxi (Figura 29), bicicletário (Figura 30), estacionamento de motocicletas (Figura 31). Esses elementos de mobiliário urbano no espaço público promovem condições à ocorrência de atividades humanas e se assumem como fatores de atração ao deslocamento ou ao recreio e convivência, estimulando o convívio social da Praça Nereu Ramos.

Também, voltado para o centro da Praça Nereu Ramos, encontra-se um palco coberto, o qual atende a maioria dos eventos promovidos na praça. Com piso de concreto, estrutura metálica e cobertura móvel metálica com cabos tensionados que ajustam a sua posição (Figura 32).

A imagem (Figura 33) apresenta a vista do palco permanente desde o centro da praça, bancos. Nesta imagem se pode identificar também lixeiras e luminárias, mesas de jogo de e ponto de táxi.

Imagens do fluxo de veículos no entorno da Praça Nereu Ramos



Figura 23 – Rua São Joaquim
(Mai. 2011)



Figura 24 – Rua Niemeyer
(Mai. 2011)



Figura 25 – Rua do Príncipe
(Mai. 2011)



Figura 26 – Rua Jerônimo. Coelho
(Mai. 2011)

Imagens do mobiliário e equipamentos urbanos na Praça Nereu Ramos



Figura 27 – Banco-lixreira-luminária
(Jan. 2012)



Figura 28 – Mesa jogo de xadrez
(Mai. 2011)



Figura 29 – Ponto de Táxi
(Jan. 2012)



Figura 30 – Bicicletário
(Mai. 2011)



Figura 31 – Motocicleta (Jan. 2012)



Figura 32 – Palco permanente
(Jan. 2012)



Figura 33 – Vista do palco permanente desde o centro da praça
(Mai. 2012)

2.4.4 ASPECTOS FORMAIS E FUNCIONAIS DA PRAÇA

Na contemporaneidade, a Praça Nereu Ramos parece ser dotada de uma força simbólica capaz de mantê-la como lugar praticado, ou seja, como lugar eleito para as manifestações culturais e sociais, podendo ser observadas algumas situações interativas estabelecidas entre as pessoas e o ambiente.

Em uma terça feira, do seu vazio central, imagens fotográficas foram capturadas com o objetivo de mostrar seus aspectos formais (Figura 34 e Figura 35).



Figura 34 – Sequência de fotos desde o IPREVILLE até a Rua do Príncipe (Jan. 2012)



Figura 35 – Sequência de fotos desde o palco na Rua Niemeyer até a Rua São Joaquim (Jan. 2012)

Também foram capturadas imagens da praça' desde a Rua São Joaquim (Figura 36) e da Rua do Príncipe (Figura 37). Observou-se a praça como um lugar aberto, livre de impedimentos, um lugar público e de livre acesso. Por entre as áreas verdes, de forma harmônica, largos caminhos se interligam desenvolvendo a forma da paisagem. Interligações sem barreiras físicas nem visuais auxiliam na interação, com os elementos da praça, dos que estão apenas de passagem.

Elementos translúcidos, como árvores altas com troncos finos e vegetação baixa e leve, favorecem a transparência. Assim, das ruas se podem observar os objetos que compõem a praça, reforçando a permeabilidade visual, tais como, árvores altas com troncos finos e acessos largos facilitando ao cruzamento de pedestres podendo o observador, através da praça, visualizar

os edifícios facilitando sua decisão para o cruzamento pelo seu interior (Figura 36 e Figura 37). Essas qualidades que aumentam a eficiência da visão: seu raio de ação, sua penetração e seu poder de resolução, se referem a Lynch (2006, p. 119), quando se refere ao alcance visual.



Figura 36 – Imagem da praça no seu cotidiano – vista da Rua São Joaquim
Fonte: Google Street View (Acesso: Jul. 2011)



Figura 37 – Imagem da praça no seu cotidiano – vista da Rua do Príncipe
Fonte: Google Street View (Acesso: Jul. 2011)

Aspectos funcionais mostram que alguns elementos, por sua ocupação, integram-se com a praça: indivíduos sentados no Bar-Lanchonete (Figura 37), adensamento pela presença de idosos no local das mesas com tabuleiro de xadrez e vendedor de pipoca na (Figura 37), família utilizando o mobiliário urbano (Figura 36), automóveis estacionados na rua (Figura 36), motocicletas no estacionamento (Figura 37), passantes cruzando em frente ao espaço central vazio da praça (Figura 37) e outros circulando pelas calçadas ao redor da praça (Figura 37).

A imagem da praça vista da Rua Eng. Niemeyer (Figura 38) se diferencia das anteriores. O palco, com vista desta rua, forma uma barreira visual modificando a idéia de imagem com eficiência de visão expressada na paisagem anterior. O palco, a árvore com tronco grosso com vegetação densa, o ponto de táxi e o adensamento das mesas de xadrez são objetos, que podem ser reconhecidos como barreiras que impedem o alcance visual, referido por Lynch (2006, p. 119), da paisagem absoluta da praça.



Figura 38 – Imagens da praça no seu cotidiano – vista da Rua Niemeyer
 Fonte: Google Street View (Acesso: Jul. 2011)

A passagem de pedestres tem um comportamento diferenciado das demais ruas que cercam a Praça Nereu Ramos ocorrem interações independentes da atividade da praça. Esta passagem, por trás do prédio do IPREVILE e do Quiosque Bar-Lanchonete, é formada por um corredor escuro e desnudo de interação visual com a praça (Figura 39), no local onde o corredor é mais largo, se encontra o mobiliário urbano que é utilizado pelos passantes para descanso (Figura 40), um pequeno grupo de passantes para ver a vitrine do Brechó da Revista (Figura 41) e também de dois passantes circulando em companhia (Figura 42).



Figura 39 – Corredor vazio
 (Jul. 2011)



Figura 40 – Passantes descansando (Jul. 2011)
 201 (Jan. 2012)



Figura 41 – Espectador parados na vitrine
(Jul. 2011)



Figura 42 – passantes circulando
(Jul. 2011)

2.4.5 O COTIDIANO DA PRAÇA

Verificou-se que a Praça Nereu Ramos, no seu cotidiano, atende a uma pluralidade de funções, como um centro de circulação de produtos, idéias e pessoas, ou seja, um ponto de reunião para aspectos políticos, sociais e econômicos, como um ponto central da urbanidade.

Uma análise expedita foi feita das diferentes possibilidades de uso no seu ambiente urbano e se observou que sentar nos bancos para descansar e contemplar é a função preferida dos seus usuários. Também, a praça serve de cruzamento de uma via para outra. Isenta de brinquedos, a praça é utilizada pelas crianças para andar de bicicleta e correr.

Várias ações interativas foram detectadas como, por exemplo: pedestre senta para recuperar o fôlego (Figura 43), trabalhadores reunidos (Figura 44), Usuários conversando (Figura 45) e menina sentada mexendo no celular (Figura 46), encontro de idosos (Figura 47), idosos que se encontram para jogar dominó (Figura 48), encontro de motociclistas (Figura 49), catador de papel (Figura 50), vendedor de sorvetes (Figura 51), mulher com crianças (Figura 52), ciclista (Figura 53), namorados passeando (Figura 54), homem lendo (Figura 55) e transeuntes (Figura 56).



Figura 43 – Descanso para os passantes
(Set. 2011)



Figura 44 – Trabalhadores reunidos
(Set. 2011)



Figura 45 – Usuários conversando
(Set. 2011)



Figura 46 – Menina sentada
(Set. 2011)



Figura 47 – Idosos contemplando

Fonte: http://czaplinski-politica3yahooomb.com.br/blogspot.com/2010_10_01_arhive.html (Acesso: Jan. 2011)



Figura 48 – Idosos jogando dominó
(Set. 2011)



Figura 49 – Encontro de motociclistas
(Set. 2011)



Figura 50 – Catador de papel
(Jan. 2012)



Figura 51 – Vendedor de sorvetes
(Jan. 2012)



Figura 52 – Mulher com crianças
(Jan. 2012)



Figura 53 – Ciclista
(Jan. 2012)



Figura 54 – Namorados
(Jan. 2012)



Figura 55 – Homem lendo
(Jan. 2012)



Figura 56 – Transuentes
(Jan. 2012)

Uma pequena amostra de impressões individuais e coletivas apreendidas pelos depoimentos de cidadãos usuários, somadas às impressões genéricas, colaborou com o exame da percepção ambiental da pesquisadora quando em campo. Conforme Lynch (2006) pode se perceber, através das experiências no cotidiano da praça, que a vivência nela provoca o estímulo por liberdade e a expansividade, favorecendo a criação de uma identidade a partir de uma imagem percebida, conforme. A referência de Merleau-Ponty (1999, P. 54) remete ao exemplo de um espectador que costumava cruzar a praça. Foi solicitado ao espectador, que sentasse em um banco da praça por com a intenção observar a praça e seu entorno. No seu relato, o espectador descreveu que havia visto uma imagem nunca antes percebida. Narrou ter visto uma imagem de si, no futuro, na sua aposentadoria, descansando e jogando xadrez na praça com seus amigos.

Depoimentos dados por espectadores urbanos de várias idades, referindo-se a Lynch (2006, p. 03, 04 e 149), mostram que alguns dos estímulos gerados pela contemplação da Praça Nereu Ramos reforçam uma imagem de urbanidade, transmitida às pessoas de forma sensorial. Estes estímulos dependem também das expectativas do observador, como por exemplo, a narrativa de um menino sentado com seu avô em um banco da praça: “Gosto deste lugar, pois sempre que venho com meu avô ganho cachorro quente e refrigerante e aproveito para brincar com outras crianças.”

2.4.6 A PRAÇA, UM LUGAR DE EVENTOS

A Praça Nereu Ramos, desde seu início, vem sendo um lugar de eventos e manifestações culturais utilizada pela população da cidade de Joinville.

Esses eventos reforçam a centralidade e urbanidade da praça que vem sendo caracterizada também para servi-los, de forma que, além do palco, a praça dispõe de um espaço livre no vão central projetado também para a permanência do público nos eventos. Durante os eventos, a imagem ambiental da praça se modifica, retornando ao seu estado original no término dos acontecimentos.

A importância desse estudo é realçada, uma vez que entre os eventos da praça, o Festival de Dança é o aglomeração de veículos nas vias e de algumas interferências nas atividades de comércio e serviços instaladas nas edificações que a cercam.

Eventos realizados na Praça Nereu Ramos: Campeonato de Dominó (Figura 57), Dia do Desafio (Figura 58), Feira do Artesanato (Figura 59),

Celebração Corpus Cristi (Figura 60) Carnaval “160 anos de Joinville” (Figura 61), Festival de Folclore (Figura 62), Dia da Árvore (Figura 63), manifesto contra aumento de passagens de ônibus urbano (Figura 64), manifestações culturais diversas (Figura 65), abertura do Natal (Figura 66), Semana da Consciência Negra (Figura 67), Circo Amarillo (Figura 68) e principalmente, tendo como talvez seu maior evento, o Festival de Dança de Joinville (Figura 157), que aglomera um maior número de participantes, assim como um número considerável de expectadores e outros que se apropriam do evento.

Durante os onze dias do evento, com trezentas cadeiras ocupadas nos seis espetáculos diários, perfaz um total de no mínimo dezenove mil e oitocentos expectadores sentados. Esse é maior evento que, por sua grandiosidade, transforma, de forma permanente ou transitória, a imagem urbana do local, através das mudanças físicas e funcionais da praça.



Figura 57 – Campeonato de Dominó – Fonte:
<http://blogdofachini.wordpress.com/2011/06/05/rodrigo-prestigia-torneio-de-domino-organizado-pelo-deputado-mauro-mariani/>
(Acesso: Jul. 2011)



Figura 61 – Carnaval “160 anos de Joinville”
Fonte:
<http://cidadecultural.blogspot.com/2011/03/rainha-do-carnaval-dos-160-anos-de.html>
(Acesso: Jul. 2011)



Figura 65 – Manifestações culturais
Fonte:
<http://questaoeconfianga.blogspot.com/2009/09/colégio-adventista-de-joinville-chama.html>
(Acesso: Jun. 2011)



Figura 58 – Dia do Desafio
Fonte:
<http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a3323439.xml> (Acesso: Jul. 2011)



Figura 62 – Festival de Folclore - Fonte:
http://www.autosurf.wcsa.info/diretorio/Noticias/2011/Setembro/10-09-2011_18:07:15_mikizuwi.html
(Acesso: Jan. 2012)



Figura 66 – Abertura do Natal
Fonte:
http://cidadecultural.blogspot.com/2009_11_01_archive.html
(Acesso: Jan. 2012)



Figura 59 – Feira do artesanato
Fonte:
<http://www.portaljoinville.com.br/v3/?call=blogs.eueapraca>
(Acesso: Jul. 2011)



Figura 63 – Dia da Árvore
Fonte: <http://vimeo.com/29376275>
(Acesso: Out. 2011)



Figura 67 – Semana da Consciência Negra
Fonte:
http://comiteigualdaderacialjoinville.blogspot.com/2010_12_15_archive.html
(Acesso: Fev. 2012)



Figura 60 – Celebração Corpus Cristi
Fonte:
<http://www.portaljoinville.com.br/v3/?call=blogs.eueapraca&id=11602>
(Acesso: Jul. 2011)



Figura 64 – Manifesto aumento passagens ônibus urbano
Fonte:
http://mpljoinville.blogspot.com/2011_01_01_archive.html (Acesso: Fev. 2012)



Figura 68 – Circo Amarillo
Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a3581379.htm>
(Acesso: Fev. 2012)

III - O FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE

Esse capítulo apresenta o Festival de Dança de Joinville através da linha do tempo, confirmados por sua grande abrangência e forte inserção no meio urbano, principalmente através dos eventos em palcos abertos oferecidos a comunidade Joinvillense e inseridos em espaços públicos ou privados de caráter público da cidade.

3.1 O INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE

Dados extraídos do site do Festival de Dança de Joinville⁹ informam que o Festival, em sua evolução e consolidação, com o objetivo de se tornar uma Organização Social, criou seu Conselho Administrativo e Fiscal. A nova estrutura começou a vigorar em março de 2007, fazendo parte, representantes do poder público, representantes da comunidade e de entidades representativas da sociedade civil organizada, como Associação Empresarial de Joinville (ACIJ), Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) e Conselho Municipal de Cultura, além da nova Diretoria responsável pela execução do Festival.

São partes da atual estrutura administrativa: a Diretoria, responsável pelo planejamento, execução, administração financeira e captação de recursos, assim como pelo funcionamento do Instituto Festival de Dança; a Curadoria Artística, nomeada pela presidência da Diretoria, constituída por profissionais reconhecidos da dança nacional e internacional que tem a responsabilidade de trazer sugestões que contribuam para a formatação técnica e artística do evento, como revisar o regulamento, selecionar grupos, indicarem professores, jurados, companhias convidadas e outros projetos e ações especiais para enriquecer o conteúdo técnico-artístico do evento; o Conselho de Administração, responsável por ações deliberativas que incluem: aprovação do planejamento, acompanhamento da execução e dos resultados dos projetos desenvolvidos pela Diretoria do Instituto; o Conselho Fiscal, responsável pela supervisão das atividades administrativas e financeiras do Instituto.

⁹ <http://www.festivaldedanca.com.br/2012/index.php> (Acesso: Jan. 2011)

3.2 O DESENVOLVIMENTO DO FESTIVAL DE DANÇA.

Informações retiradas da dissertação de Oliveira (2008) asseguram que o Festival de Dança partiu da iniciativa de Carlos Tafur, um professor de dança da Casa da Cultura, uma escola da Fundação Cultural de Joinville, que teve a idéia de criar um festival para que grupos de dança de Joinville e região pudessem ter oportunidade de apresentar suas danças e trocar experiências.

Desde seu início, em 1983, o Festival expandiu o conhecimento da cultura da dança para outras classes e bairros da cidade, facilitando o acesso às pessoas que não podiam comprar os ingressos, com apresentações na área externa do Ginásio Ivan Rodrigues (Figura 81). Em consequência disso, o Festival despertou em muitos jovens a vontade de dançar, e isso acabou gerando a criação de várias escolas particulares de dança e de uma nova cultura, implantada na cidade de Joinville.

Em 1986, iniciaram os espetáculos na Praça Nereu Ramos, o palco aberto mais visitado no Festival de Dança de Joinville, o lugar de estudo de caso desta pesquisa. Mais tarde, em palcos abertos, foram realizadas aulas de dança onde o público era convidado a dançar com os professores. Além desses cursos e palcos ao ar livre, exposições de arte e feira de artesanato e produtos para balé atenderam a uma camada da população que não estava habituada a freqüentar as platéias. Também, um palco móvel visitava algumas das principais indústrias de Joinville.

O Festival ganhou destaque quando, em 1995, contou com a participação da companhia Stuttgard de balé da Alemanha, com a participação do bailarino russo Rudolf Nureyev, considerado um dos melhores do século XX.

Em 1997, para superar uma crise que o Festival estava passando, quando artistas insatisfeitos com movimentações do Festival em torno da política ameaçavam encerrar o evento, Luiz Henrique da Silveira (PMDB), prefeito de Joinville, se prontificou a dinamizar as ações culturais na cidade implementando ações que poderiam contemplar os anseios culturais da população, instigando o público para as artes, ampliando o caráter educativo do Festival, recuperando os museus da cidade e divulgando a construção do Teatro Municipal de Joinville, uma obra anteriormente prometida e inacabada. A proposta do prefeito Luiz Henrique, foi a de transformar o teatro em um centro multiuso, que poderia atender tanto aos espetáculos de dança como aos shows e outros grandes eventos.

Em 1998, foi inaugurado o Centreventos Cau Hansen (Figura 82 e Figura 83), um espaço multiuso com palco de dimensões quase duas vezes e meia o palco do Ginásio Ivan Rodrigues. Nesta época, houve também a

privatização da organização do evento com a criação do Instituto Festival de Dança de Joinville (IFDJ), uma entidade sem fins lucrativos, de interesse coletivo, com caráter de entidade cultural e de assistência social e beneficente, criada para o desenvolvimento da dança e das artes cênicas e especificamente à realização do Festival de Dança de Joinville.

O crescimento deste evento resultou que, em 2000, foi incentivado o processo político da instalação da primeira filial da Escola do Teatro Bolshoi implantada fora da Rússia. A proposta desta escola vincula manifestação cultural com ação social, um projeto de caráter educativo, onde cerca de 90% dos alunos recebem bolsa de estudo integral, o que garante, durante oito anos de curso, gratuidade do ensino, alimentação complementar, uniformes, transporte, assistência médica, fisioterápica, odontológica e orientações pedagógicas.

Pretendeu-se manter o nível técnico das apresentações com a instituição de uma seleção prévia de grupos. Um Fórum Estadual de Dança, implantado pelo Conselho Artístico para garantir a qualidade dos espetáculos, determinou que a cada ano, somente cento e vinte grupos seriam aprovados para apresentação na mostra principal do evento e, que trinta grupos seriam de Santa Catarina, a maior parte de Joinville. Essa ação forçou o de aperfeiçoamento pequenos grupos que estavam começando o trabalho da arte.

Em 2010 foram acrescentados dezessete palcos abertos em praças, *shopping centers* e entidades, e em 2011, na sua vigésima nona edição, de 600 bailarinos do início, tiveram 5.500 bailarinos participando, fazendo com que o setor hoteleiro trabalhasse com ocupação completa.

Também neste ano o Festival inovou-se nas redes sociais e no aplicativo para Iphone e Ipad e disponibilizou um guia em braille e apresentações antes dos espetáculos, em libras.

Para o evento, Joinville recebe companhias de ballet famosas do mundo como Hell's Kitchen Dance de Mikhail Baryshnikov, Ballet Nacional de Cuba, Ballet da Ópera de Paris, Stuttgart Ballet, Ballet Bejárt, Danza Andaluza, os bailarinos Fernando Bujones e Jeniffer Gelland, que em cada edição tem contribuído para aumentar o desenvolvimento turístico consolidando a cidade de Joinville como um pólo da dança.

Em 2004 o Guinness Book anunciou: em um levantamento mundial, foi constatado que o Festival de Dança de Joinville é o maior festival do mundo do gênero, não existindo nenhum festival no mundo com um número tão grande de bailarinos e com uma variedade tão grande de modalidades de danças. Atualmente, o Festival de Dança de Joinville é considerado na área da dança, o

mais importante fórum, não só de mostra, mas também de discussão da dança no Brasil, na América Latina e no mundo, no gênero¹⁰.

Assim, o Festival de Dança se converte em aspecto simbólico na cidade de Joinville, reforçando sua identidade cultural. As mudanças que fizeram parte do crescimento do Festival, desde 2007 a 2011, foram anos marcantes na consagração de Joinville, na mídia e na memória de comunidade da dança no Brasil e exterior, como “A Cidade da Dança”.

3.3 O FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE EM 2011

Informações adquiridas pelo Instituto Festival de Dança Joinville reiteram que em 2011, o último ano desta pesquisa, o Festival ofereceu onze dias consecutivos com eventos acontecendo em diversos espaços físicos apropriados para cada um deles: Noites Especiais, Mostra Competitiva, Feira da Sapatilha, Meia Ponta, Mostra Contemporânea, Visitando os Bastidores, Passarela da Dança, Seminário de Dança, Cursos e Oficinas, Dança Comunidade, Encontro das Ruas, Rua da Dança e os Palcos Abertos. A seguir apresenta-se um breve resumo destes eventos:

NOITES ESPECIAIS

São três noites realizadas no Centreventos Cau Hansen (Figura 82 e Figura 83): A primeira, a Noite de Abertura, é formada por espetáculos de dança e música e são convidadas companhias profissionais do Brasil ou exterior. A segunda, a Noite de Gala, tem um espetáculo consagrado nos palcos da dança, assim como, em 2010, o espetáculo “Giselle”, bailarinos da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil dançaram ao lado de solistas do da Escola do Bolshoi da Rússia. Na terceira, a Noite dos Campeões, é feita a premiação dos melhores grupos e bailarinos do Festival de Dança, com a apresentação dos primeiros colocados da Mostra Competitiva.

¹⁰ MEMÓRIA DO PATROCÍNICO

http://www.petrobras.com.br/minisite/memoria/patrocinio_carlosadauto.htm (Acesso: Mar. 2012)

MOSTRA COMPETITIVA

No Centreventos Cau Hansen (Figura 82 e Figura 83) é realizada a entrega do Troféu de Melhor Grupo das oito noites disputadas. Medalhas de ouro são entregues para: Prêmio Revelação; Melhor Bailarino; e Melhor Bailarina nos gêneros de Ballet Clássico de Repertório, Ballet Clássico, Dança Contemporânea, Sapateado, Jazz, Danças Urbanas e Danças Populares.

FEIRA DA SAPATILHA

No Expocentro Edmundo Doubrava (Figura 87), a Feira da Sapatilha (Figura 88) é o ponto de encontro de participantes do Festival: turistas, bailarinos e comunidade local. Originalmente, essa Feira é destinada ao comércio para artigos de dança, artesanato e gastronomia, com um palco (Figura 88) para espetáculos e competições de dança.

MEIA PONTA

Este evento acontece no Teatro Juarez Machado (Figura 84 e Figura 85) com o objetivo de estimular novos talentos. É uma mostra que apresenta os gêneros Ballet Clássico de Repertório, Ballet Clássico, Danças Populares, Sapateado, Jazz e Dança Urbana (Figura 70).

MOSTRA CONTEMPORÂNEA

A contemporaneidade na dança é apresentada no teatro Juarez Machado (Figura 84 e Figura 85). Essa Mostra tem realçado a diversidade de linguagens de pesquisa e criação (Figura 71). Essa programação inclui espetáculos e workshops gratuitos destinados a coreógrafos e bailarinos.

VISITANDO OS BASTIDORES

Este evento propicia gratuitamente conhecer os bastidores do Festival de Dança, com visitas guiadas por toda a estrutura do Centreventos Cau Hansen (Figura 82 e Figura 83) e Teatro Juarez Machado (Figura 84 e Figura 85) mostrando todo o trabalho realizado e os lugares das estrelas do espetáculo, como camarins, coxias e todo o aparato técnico, físico e humano que do festival (Figura 72).

PASSARELA DA DANÇA

As tendências da moda, voltadas para os palcos da dança, tem sido apresentadas na passarela no Centreventos Cau Hansen (Figura 82 e Figura 83), onde desfilam na Passarela da Dança figurinos com as principais marcas especializadas do Brasil e do mundo (Figura 73).

SEMINÁRIO DA DANÇA

Em cada edição do Festival de Dança, os seminários têm trazido aos participantes temas diferente para pesquisa e aprofundamento pedagógico conduzido por professores com amplo conhecimento nas áreas. Estas reuniões se realizam no Centro de Convenções Alfredo Salfer (Figura 86).

DANÇA COMUNIDADE

É o projeto de Responsabilidade Social do Instituto Festival de Dança e tem a proposta de promover a inclusão cultural aos jovens de comunidades da periferia ou em situação de risco. Durante o Festival, o Dança Comunidade contribui para a capacitação de profissionais que trabalham com projetos sociais das secretarias de Educação e Assistência Social. A troca de idéias e o intercâmbio cultural com os participantes do Festival possibilitam que o conhecimento adquirido possa ser levado para crianças e jovens menos favorecidos em suas comunidades (Figura 74).

CURSOS E OFICINAS

O Festival de Dança oferece mais de 1600 vagas cursos e oficinas para qualificar estudantes e aperfeiçoar profissionais. As Programações didático-pedagógicas são conduzidas por professores especializados de escolas de dança de diversas cidades do Brasil.

As aulas são realizadas em diversos locais de Joinville, com estrutura adequada para cada atividade (Figura 75): residência em dança, oficina de dança, jazz, composição coreográfica, sapateado, dança contemporânea, dança urbana, ballet clássico, técnicas de ponta e meu corpo criança.

ENCONTRO DAS RUAS

No Encontro das Ruas, o Festival de Dança abre espaço para vertentes cada vez mais consolidadas no Brasil através de vários eventos, nos quais a linguagem própria e o estilo livre serão abordados em oficinas, competições, debates e apresentações: Workshop coreográfico, Oficina e mostra de Grafitti, debate: “A sobrevivência da arte urbana”, Batalhas de B. boys, B. girls, Hip Hop Freestyle, Locking, Popping e House Dance e Batalha de MC’s (Figura 76).

RUA DA DANÇA

Em espaços diversificados, artista e público interagem e desenvolvem atividades como cursos, oficinas, teatros e aulas abertas de dança de salão, hip hop, capoeira, yoga, entre outras (Figura 77).

PALCOS ABERTOS

O Festival de Dança expande seus espetáculos pela cidade de Joinville e região com a instalação de palcos provisórios em espaços públicos e privados da cidade. Nesses espaços, grupos de dança, participantes do Festival de Dança, apresentam diversos gêneros de dança: balé clássico, dança de rua, dança contemporânea, jazz, danças populares e sapateado.

O objetivo da criação destes palcos é promover o desenvolvimento do bailarino, a integração entre os grupos, revelar novos talentos e espalhar a cultura da dança, propiciando para a comunidade coreografias de grupos de todo o país, que passam pela análise criteriosa do Conselho Artístico do Festival. Com esses palcos abertos, a cultura da dança vem sendo democratizada e popularizada através da sua inserção, de forma aberta, nas diversas camadas da sociedade.

Imagens dos eventos do Festival de Dança de Joinvile em 2011



Figura 69 – Feira da Sapatilha

Fonte: <http://viajeaqui.abril.com.br/materias/fotos-festival-danca-joinville?foto=13#13> (Acesso: Mai. 2012) Mai. 2012)



Figura 70 – Meia ponta

Fonte: <http://www.festivaldedanca.com.br/2012/conheca-festival-meia-ponta-apresentacao.php> (Acesso: Mai. 2012)



Figura 71 – Mostra Contemporânea

Fonte: <http://www.festivaldedanca.com.br/2012/conheca-festival-mostra-contemporanea-apresentacao.php> (Acesso: Mai. 2012)



Figura 72 – Visitando os bastidores

Fonte: <http://www.festivaldedanca.com.br/2012/conheca-festival-visitando-bastidores.php> (Acesso: Mai. 2012)



Figura 73 – Passarela da Dança

Fonte: <http://www.festivaldedanca.com.br/2011/conheca-festival-passarela-danca.php> (Acesso: Mai. 2012)



Figura 74 – Dança Comunidade

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/festivaldedanca/5991173114/lightbox/> (Acesso: Mai. 2012)



Figura 75 – Cursos e Oficinas

Fonte: www.festivaldedanca.com.br (Acesso: Mar. 2011)



Figura 76 – Encontro das Ruas

Fonte: www.festivaldedanca.com.br (Acesso: Mar. 2011)



Figura 77 – Rua da Dança

Fonte: www.festivaldedanca.com.br (Acesso: Mar. 2011)

3.3 A ESPACIALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO FESTIVAL DE DANÇA

O Festival, de 1983 até 1998, data da construção do Complexo Cau Hansen, desde seu início concentrou sua ocupação nos Bairros Centro e no Bairro América (Figura 78).



Figura 78 – Espacialização do Festival de Dança

O primeiro evento foi realizado em 1982, no auditório da Sociedade Harmonia Lyra (Figura 80), situado na Rua XV de Novembro, nº 525, no Bairro Centro, em Joinville, o teatro mais antigo da cidade. Participaram deste evento 600 bailarinos da cidade e região, hospedados pela comunidade.

Nas noites de abertura, desde 1984, o festival de Dança recebeu companhias de balé nacionais e internacionais para seu espetáculo de estréia. Utilizou até 1997 um pavilhão denominado Ginásio Municipal Ivan Rodrigues, situado na Rua Max Colin, nº 1640, no Bairro América (Figura 81).

Em 1998, foi implantado o Complexo Cau Hansen (Figura 79) no Bairro América situado na Avenida José Vieira, nº 315, sendo hoje, a marca registrada do Festival de Dança de Joinville.



Figura 79 - Complexo Cau Hansen

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=604659> (Acesso: Mar. 2012)

Inserido no Complexo Cau Hansen, encontra-se o Centreventos Cau Hansen (Figura 82 e Figura 83), uma arena multiuso com área de 1.530 metros quadrados e uma infra-estrutura para acomodar até 4.500 pessoas. Desde sua inauguração, em 1998, além do Festival de Dança, o Centreventos vem abrigando realizações de festivais de danças, músicas, competições esportivas, shows, congressos e feiras comerciais.

Nesse Complexo encontra-se o Centro de Convenções Alfredo Salfer (Figura 86), com onze salas que podem ser moduladas conforme cada evento. Com metragem que varia entre 44,80m² a 133,00m², essas salas são preparadas para sediar feiras, congressos, convenções e reuniões técnicas.

Ao lado do Centreventos Cau Hansen, encontra-se o Teatro Juarez Machado (Figura 84 e Figura 85), com capacidade para 500 pessoas. Esse teatro foi criado no ano de 2001 em homenagem ao artista plástico joinvilense, Juarez Machado, responsável pelas cores do Centreventos Cau Hansen.

Também faz parte do Complexo Cau Hansen, o Expocentro Edmundo Doubrava, um pavilhão de 4.051,54 m² e com capacidade para 15.000 pessoas (Figura 87). Um pavilhão para a realização feiras, eventos culturais e encontros de negócios, um espaço especialmente destinado a Feira da Sapatilha durante o Festival de Dança (Figura 88).



Figura 80 – Sociedade Harmonia Lyra
(Jul. 2011)



Figura 83 – Palco Centroventos Cau Hansen
Fonte: http://elainedejesus.com/elaine_joinville.htm
(Acesso: Mar. 2012)



Figura 86 – Sala Centro Convenções Alfredo Salfer
(Jul. 2010)



Figura 81 – Ginásio Municipal Ivan Rodrigues
(Jul. 2008))



Figura 84 – Teatro Juarez Machado
(Jul. 2008)



Figura 87 – Expocentro Edmundo Doubrava
(Jul. 2008)



Figura 82 – Centroventos Cau Hansen
(Jul. 2008)



Figura 85 – Palco Teatro Juarez Machado
(Jun. 2012)



Figura 88 – Feira da Sapatilha
Fonte:

<http://www.flickr.com/photos/festivaldedanca/6238182909/lightbox/>
(Acesso: Mai. 2012)

3.4.1 PALCOS INSTALADOS PROVISORIAMENTE EM ESPAÇOS URBANOS

Desde a primeira edição do Festival, são instalados palcos abertos para os espetáculos de dança em espaços da cidade, públicos ou privados de caráter público, tais como: escolas, praças, hospitais, shoppings, indústrias, etc., oferecendo aos moradores locais e visitantes espetáculos de dança gratuitos e de qualidade e foram encontrados.

No decorrer esta pesquisa, diversos palcos abertos foram encontrados em 12 bairros da cidade de Joinville (Figura 89): América, Anita Garibaldi, Bucarein, Centro, Floresta, Iririu, Jardim Paraíso, Morro do Meio, Paranaguamirim, Pirabeiraba Centro, Vila Nova e Zona Industrial Norte. Também, palcos abertos provisórios foram montados nas cidades de Jaraguá do Sul, São Francisco do Sul e Balneário Camboriú.

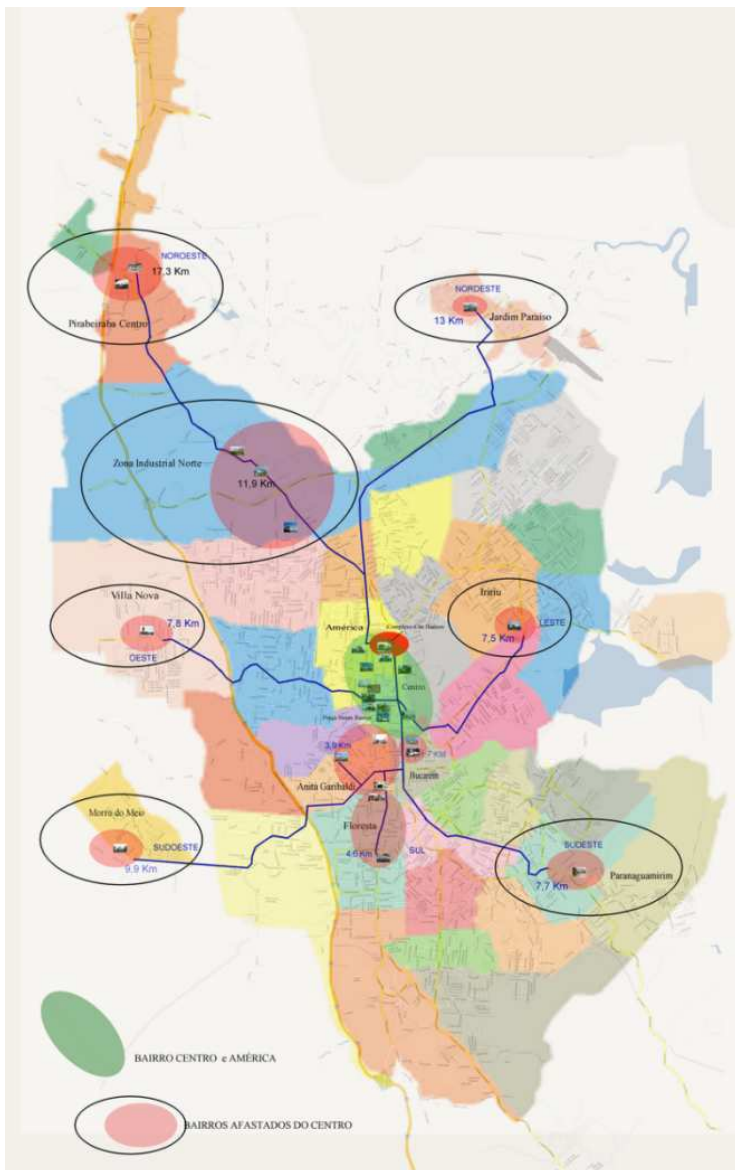


Figura 89 – Esquema dos Bairros localizados em zonas afastadas do Complexo Cau Hansen (Mapa sem escala)

Na análise desses bairros, conforme Lynch (2006, p. 52), verificou-se que esses espaços de palcos abertos se apropriam do lugar, do espaço conectado à vida urbana e de livre acesso e na sua maioria, se encontra localizada em bairros na zona central da cidade, cerca do Complexo Cau Hansen (Figura 79).

Através desses palcos abertos, a dança é democratizada e a popularizada. Desta forma, cultura da dança vem sendo inserida da sociedade de forma aberta para as diversas camadas da sociedade.

Atualmente, novas áreas de pesquisa das ciências humanas como os Estudos Culturais, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e os Estudos da Performance em Dança vêm colocando o corpo humano no centro do discurso cultural. Trata-se do fim da autoridade da cultura letrada, as letras somam-se, agora, com outras formas de conhecimento, outras formas estéticas de expressão, outros campos. Vivemos um momento com grande potencial de produção e de circulação de — fala, — um novo ecossistema de linguagens e escritas caracterizado por uma pluralidade de saberes, reconciliando o cenário cultural com as oralidades, danças, músicas, mitos (construtores dos imaginários populares), hibridizados nas — novas técnicas. (WOLFF, 2011, p. 9)

Localizados zona central da cidade, nos bairros América e Centro (Figura 90), por sua proximidade esses espaços permitem que os participantes e expectadores circulem a pé entre eles, geralmente concluído no turno da noite com uma visita ao Expocentro Edmundo Doubrava (Figura 87), no Complexo Cau Hansen, Bairro América, onde se encontra a Feira da Sapatilha (Figura 88). As imagens demonstram que os palcos abertos possibilitam a interação entre comunidade e bailarinos, introduzindo a dança na cultura da cidade.



Figura 90 – Esquema do circuito integrado entre os Bairros América e Centro
(Mapa sem escala)

Apresentam-se imagens dos espaços dos palcos abertos construídos no Bairro América (Figura 90): Hospital Materno Infantil Dr. Jessor Amaranto Faria (Figura 91 e Figura 92), situado na Rua Araranguá, nº 554; Centro Hospitalar Unimed (Figura 93 e Figura 94), situado na Rua Orestes Guimarães, nº 905, Supermercado Giassi (Figura 95 e Figura 96) situado na Rua Dr João Colin, nº 762; Hospital Dona Helena (Figura 97 e Figura 98) situado na Rua Blumenau, nº 123.



Figura 91 – Hospital Infantil Dr. J. A. F – Fonte:
<http://www.clicrbs.com.br/noticia/jsp/default.jsp?newsID=a1852750.htm&tab=00085&uf=1> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 92 – Palco Aberto Hospital Infantil – Fonte:
<http://www.flickr.com/photos/festivaldedanca/5990617195/lightbox/>
(Acesso: Mai. 2012)



Figura 93 – Centro Hospitalar Unimed
Fonte: <http://www.unimed.com.br>
(Acesso: Mar. 2011)



Figura 94 – Palco aberto Centro Hospitalar Unimed
Fonte: <http://www.unimed.com.br> (Acesso: Mar. 2011)



Figura 95 – Supermercado Giassi – Fonte:
<http://wp.clicrbs.com.br/loetz/2011/11/15/segunda-loja-do-giassi-em-joinville-sera-na-padre-kolb/?topo=84,2,18,,84> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 96 – Palco Aberto Supermercado Giassi
Fonte: <http://imohag.blogspot.com.br/>
(Acesso: Mar. 2011)



Figura 97 – Hospital Dona Helena – Fonte:
<http://ultimasdejoinville.blogspot.com.br/2010/07/reuniao-de-bioetica-do-dona-helena.html> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 98 – Palco Aberto Hospital Dona Helena – Fonte:
<http://www.flickr.com/photos/festivaldedanca/5985172455/lightbox/>
(Acesso: Mai. 2012)

Apresentam-se imagens dos espaços dos palcos abertos armados no Bairro Centro (Figura 90): Praça Nereu Ramos (Figura 99 e Figura 100) situada na Rua do Príncipe; Mercado Público Municipal Germano Kurt Freisler (Figura 101 e Figura 102) situado na Avenida Doutor Paulo Medeiros, nº 395; Shopping Mueller (Figura 103 e Figura 104) situado na Rua Visconde de Taunay, nº 235; Shopping Cidades das Flores (Figura 105 e Figura 106), situado na Rua Mário Lobo, nº 106; SDR – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional (Figura 107 e Figura 108), situada na Rua 9 de Março, nº 817; Joinville Garten Shopping (Figura 109 e Figura 110), situada na Av. Rolf Wiest, nº 333.



Figura 99 – Praça Nereu Ramos (Mai. 2011)



Figura 100 – Palco Aberto (Jul. 2011)



Figura 101 – Mercado Público Municipal (Jul. 2011)



Figura 102 – Palco Aberto – Fonte: <http://www.festivaldedanca.com.br/2011/impressao-releases.php?n=75> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 103 – Shopping Mueller - Fonte: http://brmall.s.rweb.com.br/brmall/show.aspx?id_canal=965&id_materia=26365 (Acesso: Abr. 2012)



Figura 104 – Palco Aberto – Fonte: <http://viajeaqui.abril.com.br/materias/fotos-festival-danca-joinville?foto=11#11> (Acesso: Mai. 2012)



Figura 105 – Shopping Cidade das Flores - Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=953588> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 106 – Palco Aberto (Jul. 2012)



Figura 107 – SDR – Joinville - Fonte: http://servidorpublicojoinville.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html (Acesso: Abr. 2012)



Figura 108 – Palco Aberto – Fonte: http://sistemas.sc.gov.br/noticias_layout/sdrs/popIMG.asp?foto=36837 (Acesso: Abr. 2012)



Figura 109 – Joinville Garden Center – Fonte: <http://nossajoinville.com.br/2011/04/20/ate-julho-o-joinville-garden-shopping-vai-contar-com-mais-18-lojas/> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 110 – Palco Aberto – Fonte: <http://www.portaljoinville.com.br/v3/?call=blogs.serginho&id=18273> (Acesso: Abr. 2012)

Apresentam-se imagens dos espaços dos palcos abertos encontrados um pouco afastados, ao sul do Complexo Cau Hansen, nos Bairros Anita Garibaldi, Bucarein e Floresta (Figura 111), onde participantes e expectadores, dirigem-se para assistir aos espetáculos, com automóvel ou transporte urbano, além dos que residem ou trabalham próximo a eles, que se movimentam a pé para assistir aos espetáculos.

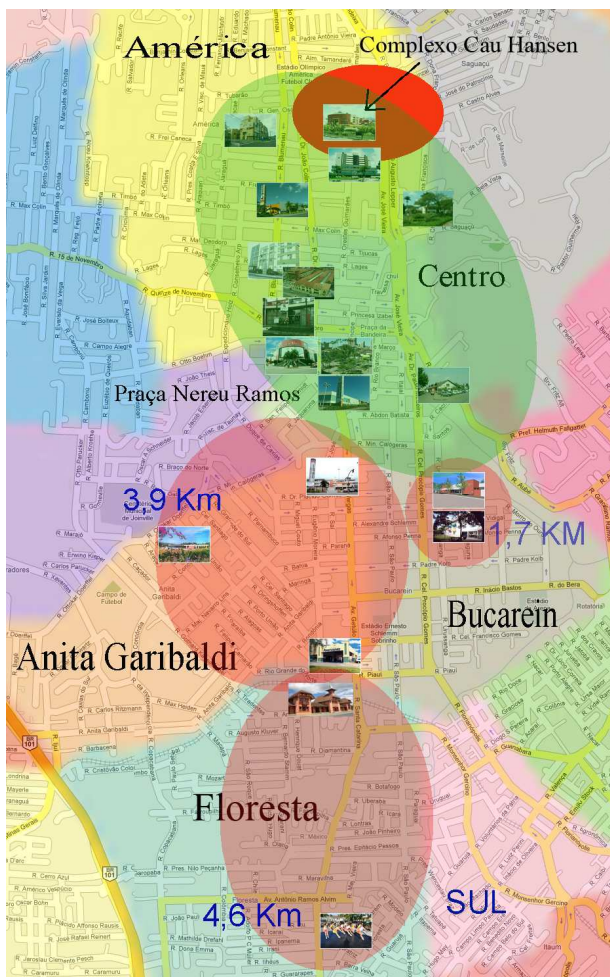


Figura 111 – Esquema dos Bairros localizados ao sul do Bairro Centro (Mapa sem escala)

Apresentam-se imagens dos espaços dos palcos abertos instalados no Bairro Anita Garibaldi: Terminal Rodoviário Harold Nelson (Figura 112), situada na Rua Paraíba, nº 769, Hospital São José (Figura 113), situado na Avenida Getúlio Vargas, nº 238 e Shopping Americanas, situado na Av. Getulio Vargas, nº 1446 (Figura 114).



Figura 112 – Term. Rodov. Harold Nelson – Fonte: <http://www.festivaldedanca.com.br/2011/imprensa-releases.php?n=158> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 113 – Hospital São José – Fonte: <http://www.ondejoinville.com.br/noticias-de-joinville/retomada-obra-de-complexo-de-saude/> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 114 – Shopping Americanas – Fonte: http://www.festivaldedanca.com.br/2002/2002/palcos_alternativos.htm (Acesso: Abr. 2012)

Apresentam-se imagens dos espaços dos palcos abertos montados no Bairro Bucarein: Lar Abdon Batista e Lar do Idoso Betânia (Figura 115), situado na Rua Afonso Penna, nº 680, e Restaurante Popular (Figura 116), situado na Rua Urussanga, nº 644.



Figura 115 – Lar Abdon Batista – Fonte:
<http://lardoidosobetania.blogspot.com.br/2011/07/palco-aberto-lar-abdon-batista.html> (Acesso: Abr. 2012)



Figura 116 – Restaurante Popular
Fonte:<http://www.flickr.com/photos/festivaldancedanca/5972655770/>
(Acesso: Abr. 2012)

Apresentam-se imagens dos espaços dos palcos abertos erguidos no Bairro Floresta: Estação da Memória, Antiga Estação Ferroviária (Figura 117), situada na Rua Leite Ribeiro, s/n e Praça Tiradentes (Figura 118), situada na Rua Santa Catarina, s/n.



Figura 117 – Estação da Memória
Fonte:

<http://www.portaljoinville.com.br/v3/nosso-bairrotem/news/read/4439>
(Acesso: Abr. 2012)



Figura 118 – Praça Tiradentes
Fonte:

<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/fotos-festival-danca-joinville?foto=9#9>
(Acesso: Abr. 2012)

Outros palcos abertos se encontram localizados em lugares mais afastados do Complexo Cau Hansen. Esses espaços atendem, na sua maioria, apenas a comunidade do local: Hospital regional Hans Dieter Schmidt, Rua Xavier Arp, s/n situado ao leste no Bairro Iririú, a 7,5km de automóvel; Escola Municipal Dr. Hans Dieter Schmidt, Rua Carina, nº 95 situada ao nordeste no Bairro Jardim Paraíso, a 13km de automóvel; Ancionato e Maternidade Bethesda, Rua Conselheiro Pedreira, nº 624, e Praça Caetano Évora da

Silveira, Rua Olavo Bilac situados ao noroeste no Bairro Pirabeiraba Centro, a 17,3Km de automóvel, passando pelas indústrias: Docol Metais Sanitários, Av. Edmundo Doubrawa, nº 1001, EMBRACO - Empresa Bras. de Compressores S/A, Rua Rui Barbosa, nº 1020 e Fábio Perini S/A Indústria e Comércio de Máquinas, Rua Dona Francisca, nº 8300 situados ao noroeste na Zona Industrial Norte, a 11,9Km de automóvel; Estação Central da Cidadania situada ao oeste no Bairro Vila Nova, a 7,8 Km de automóvel; Igreja Nossa Senhora do Caravaggio, Rua Minas Gerais, nº 5916 situada ao sudoeste no Bairro Morro do Meio, a 9,9Km de automóvel; Praça Tiradentes na Rua Santa Catarina, s/n no Bairro Floresta ao noroeste situada ao sul no Bairro Floresta, a 4,6Km de automóvel; Clube Ponte Preta Rua Rio Velho, nº 184 situado ao sudeste no Bairro Paranaguamirim, a 7,7Km de automóvel (Figura 89).

3.5 ESPAÇOS DE EVENTOS DE DANÇA EM OUTRAS CIDADES

O Festival de Dança de Joinville caracteriza-se como evento dentro do turismo cultural¹¹. As festas populares e manifestações culturais nas diversas datas do ano agitam Joinville. A contaminação positiva do Festival de Dança de Joinville leva a cultura para outras cidades do estado tornando Joinville um pólo cultural que se expande a cada ano, possibilitando o acesso e a fruição da população da região aos conhecimentos sobre aspectos culturais.

Em Jaraguá do Sul, no Teatro SCAR, situado na Rua Jorge Czerniewicz, nº 160, bairro Czerniewicz (Figura 119 e Figura 120), o Festival de Dança de Joinville, em 2011, realizou sua terceira edição com cerca de 8 grupos de bailarinos. O evento contou em 2011 com apresentações de várias modalidades, como danças populares, danças urbanas, jazz, sapateado e dança contemporânea. Esta amostra eclética de ritmos de dança dá credibilidade ao evento em que toda a comunidade comparece.

¹¹ ORIONI, NETO e SCHMIT (2006)



Figura 119 – Teatro SCAR

Fonte:

<http://educarmel.blogspot.com.br/2011/07/os-135-anos-de-jaragua-do-sul.html>
(Acesso: Abr. 2012)



Figura 120 – Espetáculo Teatro SCAR

Fonte:

<http://ultimasdejoinville.blogspot.com.br/2010/07/noite-do-festival-de-danca-de-joinville.html>
(Acesso: Abr. 2012)

Com o crescimento do Festival de Dança na cidade de Joinville, os espetáculos de dança se estenderam para outras cidades da região: São Francisco do Sul, Balneário Camboriú e Nova Trento serão alvos de palco aberto em 2012.

3.6 O FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE DURANTE O ANO

Associando-se a um caráter inclusivo, o Festival de Dança ocupa-se com a inserção de novas atividades de dança praticadas durante o ano, fora do evento. Assim, traz uma bagagem que possibilita ajudar a inserir o indivíduo na sociedade, criando possibilidades de transformá-lo em pessoa e a pessoa em cidadão, expressando a intensidade dos seus sentimentos e emoções.

São lúdicas as atividades que propiciem a vivência plena do aqui-agora, integrando a ação, o pensamento e o sentimento, e a dança faz parte de um processo lúdico das atividades essenciais da dinâmica humana, caracterizando-se por ser espontâneo, funcional e satisfatório, um processo como uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento¹².

¹² ALMEIDA Prof^a. Esp. Anne. Ludicidade como Instrumento Pedagógico.
<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm> (Acesso: Mar. 2012)

Na sequência são destacadas ações promovidas pelo Instituto Festival de Dança que são voltadas diretamente à comunidade. Nesta proposta o Instituto promove práticas que repercutem em aspectos sociais abrangentes:

A DANÇA DA COR À VIDA

No Dia Internacional da Dança, uma série de ações mobilizando artistas e público em geral tem realizado em espaços públicos, como praças e ruas da cidade, uma ação surpresa culminando a união de estilos de dança. Em espaços como a Rua Visconde da Taunay, a chamada Via Gastronômica, próximo ao hotel Tannenhof, durante a semana, artistas tem circulado por Joinville divulgando esta data e surpreendendo o público com pequenas apresentações.

A INVASÃO DOS RITMOS

Nesta modalidade de evento, nos turnos da manhã e da tarde, bailarinos de grupos da cidade têm feito performances em diversos pontos da cidade, interagindo com as pessoas da comunidade, com a distribuição de adesivos em comemoração ao Dia Mundial da Dança e um convite para fazer parte de uma ação surpresa na Via Gastronômica.

Esta proposta tem como objetivo a dança desenvolver no indivíduo aspectos sociais, cognitivos e motores, associados a sensações de prazer, associando linguagens artísticas, estéticas e lúdicas.

PROJETO VEM DANÇAR

Neste projeto, voltado para crianças de 09 a 14 anos de idade, a dança tem ocupado as salas de aula das escolas de Joinville com o objetivo de valorizar o desenvolvimento artístico por meio de atividades lúdicas, jogos musicais e exercícios físicos através da Dança Criativa.

O Projeto Vem Dançar fortalece a idéia de que a inserção de atividades lúdicas no contexto da dança pode favorecer o aprimoramento desses aspectos, quando vivenciados, tanto no âmbito formal da educação, em cursos de formação, quanto no âmbito do lazer.

O ato de dançar apresenta diferentes significados para quem o executa: a busca por qualidade de vida, expressão de sentimentos, auto-superação, necessidade de satisfação, conforme Brasil (2010, p.1):

Essa riqueza e multiplicidade fazem da dança uma atividade plural. O corpo que dança não se manifesta numa identidade universal. Cada corpo é um corpo, um lugar agregador de símbolos, sensações, percepções, subjetividades e impressões que são únicas, que se expressa dentro de uma determinada cultura. Se o corpo é expressão da cultura, a dança também o é, assim como a cultura é formada pela singularidade desses corpos que dançam. Se não houvesse corpos que dançam, não haveria uma cultura que os fizesse dançar.

EMPRESA DANÇA

O Instituto Festival de Dança de Joinville e o Studio de Dança Dois Pra Lá Dois Pra Cá, através do Projeto Empresa Dança, com aulas semanais de dança de salão, tem periodicamente lançado um concurso entre as empresas com objetivo de integração entre profissionais de diferentes áreas de atuação de Joinville e região. Este projeto recorre ao desenvolvimento do indivíduo no seu tempo de trabalho, estimulando as necessidades básicas vitais, as obrigações sociais e as atividades recreativas e lúdicas.

ESPAÇO DE MEMÓRIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Este projeto tem acontecido durante todo o ano com atividades artísticas de música e dança como lazer, através de apresentações de dança da Escola Municipal de Ballet, apresentações musicais da Escola de Música Villa-Lobos, Paineis de Memórias da Escola Fritz Alt e Galeria VK, entre outros.

CRIANÇA ENTRA NA DANÇA

No dia da criança o Instituto Festival de Dança de Joinville tem promovido este evento, no Mercado Público Municipal de Joinville, com uma festa aberta ao público com teatro de fantoches, pintura facial, escultura em balões e muita dança. Coreografias têm sido apresentadas por pequenos bailarinos de grupos da cidade com o objetivo de se atingir padrões estéticos de movimento, graciosidade e leveza, onde seu desenvolvimento técnico requerer diversas habilidades e capacidades físicas.

CURSOS DE DANÇA ONLINE

Informações fornecidas pelo Instituto Festival de Dança descrevem que em 2010, o Festival de Dança de Joinville começou a ter, durante todo o ano, cursos de aperfeiçoamento em dança realizados integralmente online, em um formato 100% Educação à Distância (EAD), em parceria com a Unidança – Universidade Livre da Dança.

O conteúdo do curso está todo armazenado no site e pode ser consultado a qualquer momento de qualquer computador durante o período das aulas e todo o texto do curso também pode ser baixado pelo aluno através de download.

O tempo de duração de um curso varia entre 09 e 15 semanas (o que é equivalente à carga horária entre 18 e 31 horas), mas como o aluno programa e suas aulas conforme sua disponibilidade e escolhe o melhor dia e horário para estudar, poderá concluí-lo em menor período. Ao final, o aluno recebe um certificado de conclusão em formato digital.

Todo mês é aberta uma nova turma para os cursos de composição coreográfica para balé, marketing cultural, dança urbana, organização e método de ensino de balé, composição de espetáculo de dança, dança criativa, iluminação cênica de dança, sapateado, história da dança e dança de rua.

Este curso tem formado alunos do Brasil e exterior como: Portugal, Argentina, França, Índia, Inglaterra, Angola, Uruguai, Paraguai, Alemanha, Estados Unidos e Itália.

IV - A PRAÇA NEREU RAMOS DURANTE O FESTIVAL

Esse capítulo se refere ao desenvolvimento da Praça Nereu Ramos durante os onze dias do Festival de Dança em um processo de investigação se deu durante o evento em Julho de 2011. A apresentação inicia na entrada da cidade de Joinville e passa por alguns lugares de palco aberto no centro da cidade demonstrando a dinâmica sócio-espacial do festival na cidade. O processo finaliza na praça apresentando sua dinâmica sócio-espacial em consequência da apropriação do Festival.

Posteriormente, uma descrição e análise das transformações e permanências decorrentes do Festival de Dança de Joinville são realizadas especialmente em seus aspectos de usos, equipamentos (fixos e transitórios) e apropriações pela população local e visitante.

4.1 CHEGANDO A PRAÇA NEREU RAMOS NO FESTIVAL DE DANÇA

Para compreender e aprofundar-se no universo do Festival de Dança na cidade, inicialmente foi preciso mergulhar no seu mundo, viver sua vida, no tempo e no espaço e perceber que em diversos lugares sinais do Festival de Dança se impõem à nossa percepção.

Em 2011, foi realizado um percurso em Joinville durante o Festival de Dança, desde a entrada da cidade deslocando-se até a Praça Nereu Ramos, passando por diversos lugares onde foram identificados anúncios sobre o evento (Figura 121). Parece ser inevitável entrar em Joinville, durante o evento, sem perceber a existência do Festival de Dança. Observou-se que, a cidade de Joinville, durante os onze dias do evento, conforme Castello (2007, p.17) estimula o fato de que o Festival de Dança está acontecendo na cidade, uma vez que em inúmeros lugares, desde a entrada e em bairros distribuídos pela cidade, espalham-se imagens do evento.

Ao cruzar o portal na entrada principal da cidade, pode-se ter a primeira impressão da existência do Festival de Dança influenciado pela visão de uma faixa comunicando o universo do evento na cidade (Figura 122).

Deslocando-se para o centro de Joinville, pode se avistar diversos artificios e outras qualificações paisagísticas, tais como, banners em diversos pontos de ônibus (Figura 123 e Figura 124), assim como outdoors (Figura 125 e Figura 126) que aludem ao Festival de Dança.

Ao circular por entre espaços no centro da cidade de Joinville, pode se verificar que algumas atividades urbanas de comércio e serviços, onde aspectos econômicos e culturais, como campos inter-relacionados se mesclam. Com referência a Merleau-Ponty (1999, P. 27), percebe-se que muitas dessas atividades parecem ser motivadas pelos eventos do Festival de Dança próximos aos seus locais, no seu processo participativo se apropriam da idéia estimulando suas funções cotidianas.

Assim, observam-se exemplos práticos de divulgação como: banner no local de Informações Turísticas da Rodoviária de Joinville (Figura 127) no Bairro Anita Garibaldi e painel no e Shopping Muller (Figura 128) no Bairro Centro.

Também se deparou com painéis do Clube Sociedade Harmonia Lyra (Figura 129) banner no Shopping Cidade das Flores (Figura 130), no Bairro Centro, podem ser avistados anunciando a realização de espetáculos no local.

Do mesmo modo foram encontrados folhetos informativos, placas e fotografias no Mercado Municipal (Figura 131 e Figura 132), evidenciam a presença urbana do evento.

Além da apropriação do Festival de Dança pelas atividades urbanas de comércio e serviços, outros sinais podem ser encontrados, como por exemplo, circulando pelas ruas da cidade, inúmeros participantes do evento, tais como bailarinos que se deslocam a pé entre os espaços de eventos (Figura 133), bailarinos ensaiando suas coreografias nos shoppings Muller e Cidade das Flores (Figura 134 e Figura 135) e na antiga Estação Ferroviária (Figura 136).

Ao chegar à praça, observaram-se algumas apropriações das atividades de comércio e serviços e confluências geradas pelo aumento do fluxo de veículos nas ruas que a cercam, assim como, alterações físicas na praça, resultado do evento. Também se notou a presença de novos indivíduos e grupos se integrando a praça, além de mudanças no hábito dos convivem com a praça no seu cotidiano.

Percurso até a Praça Nereu Ramos

1 - Rotatória

4 - Outdoor

7 - Clube Harmonia Lyra

10 - Praça Nereu Ramos

2 - Ponto de ônibus

5 - Rodoviária

8 - Shopping Cidade das Flores

3 - Ponto de ônibus

6 - Shopping Muller

9 - Mercado Municipal

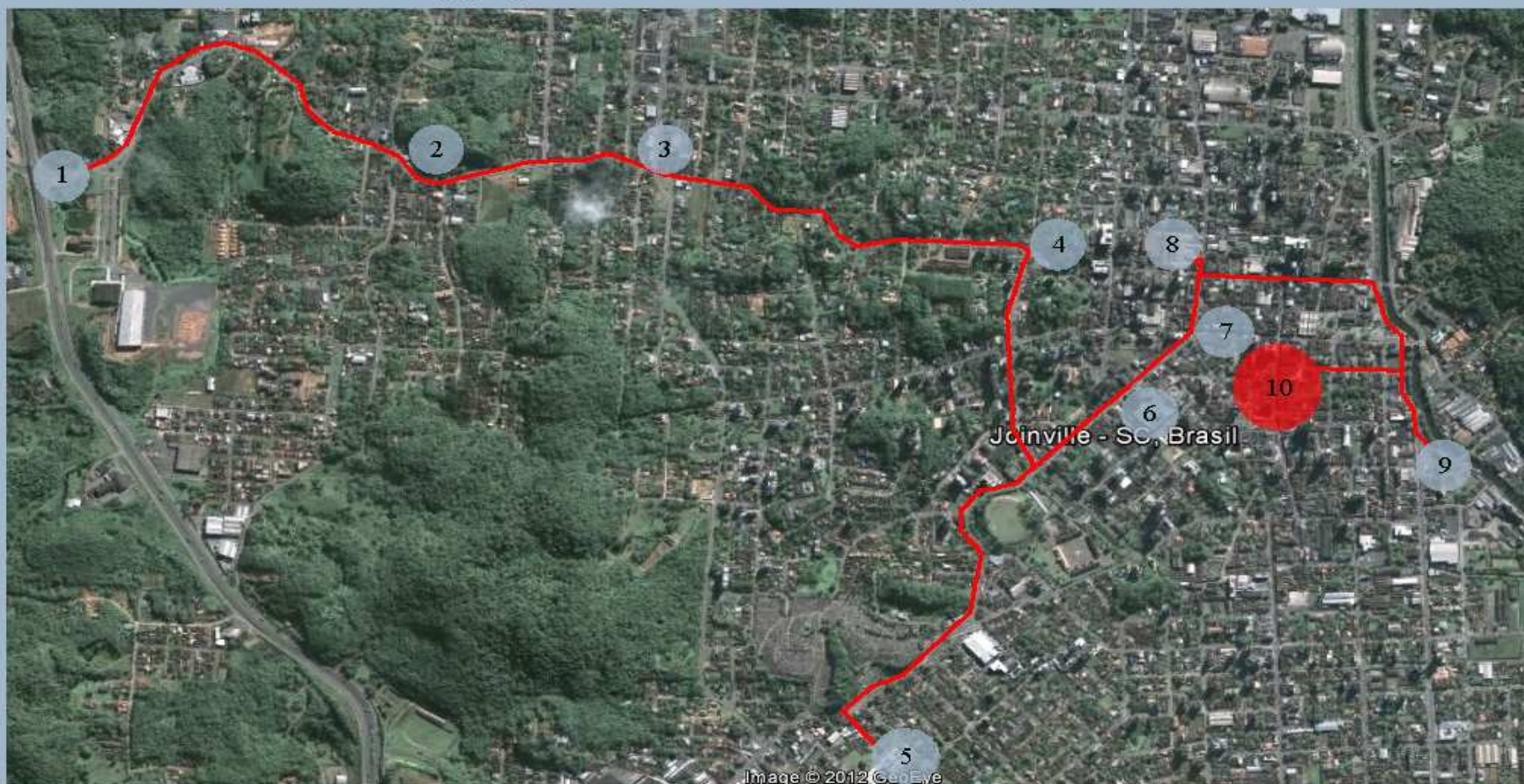


Figura 121 – Percurso realizado na cidade de Joinville durante o Festival de Dança



Figura 122 – Portal de Joinville (Jul. 2008)



Figura 123 – Banner no ponto de ônibus (Jul. 2008)



Figura 124 – Banner no ponto de ônibus (Jul. 2008)



Figura 125 – Outdoor (Jul. 2008)



Figura 126 – Outdoor (Jul. 2008)



Figura 127 – Informações Turísticas (Jul. 2011)



Figura 128 – Shopping Muller (Jul. 2011)



Figura 129 – Sociedade Harmonia Lyra (Jul. 2011)



Figura 130 – Shopping Cidade das Flores (Jul. 2011)



Figura 131 – Mercado Público Municipal (Jul. 2011)



Figura 132 – Mercado Público Municipal (Jul. 2011)



Figura 133 – Calçada (Jul. 2011)



Figura 134 – Shopping Muller (Jul. 2011)



Figura 135 – Shopping Cidade das Flores (Jul. 2011)



Figura 136 – Antiga Estação Ferroviária (Jul. 2008)

4.2 A PRAÇA NEREU RAMOS NO FESTIVAL DE DANÇA

Situada a 800 metros do Complexo Cau Hansen (Figura 137), por sua localização central, seu número de espetáculos tem aumentado a cada ano. Em 2011, último evento parte desta pesquisa, foram realizado espetáculos consecutivos durante seis horas em todos os dias da semana, em dez dias do Festival de Dança: uma hora no período da manhã, das 11hs às 12hs e cinco horas no período da tarde, das 13hs às 18hs.

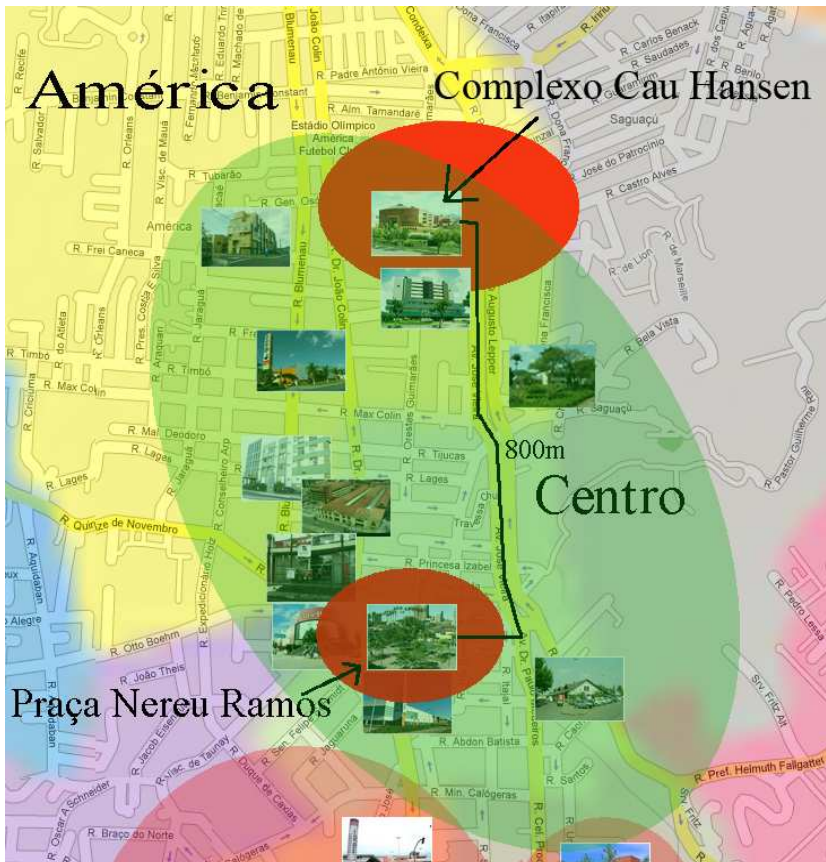


Figura 137 – Esquema de localização Praça Nereu Ramos - Complexo Cau Hansen (Mapa sem escala)

4.2.1 IDENTIFICAÇÕES NO ENTORNO DA PRAÇA

O cenário urbano também se modifica com novas e peculiares apropriações de algumas atividades de comércio e serviços no entorno da praça, como por exemplo, nos processos alusivos às atividades do evento como a Loja Exclusiva, na Rua do Príncipe, que utilizou de recortes de bailarinas para enfeitar sua loja (Figura 138). Assim como no Sebo Universo Cultural, na Rua Niemeyer, também se aproveita o momento para expor seus livros relacionados à dança (Figura 139).



Figura 138 – Loja Exclusiva (Jul. 2011)



Figura 139 – Sebo Univ. Cultural (Jul. 2011)

O Hotel Colon Palace, na Rua São Joaquim, concentrou suas divulgações com cartazes e panfletos relacionados ao evento na sua recepção (Figura 140 E Figura 141).



Figura 140 – Hotel Colon Palace (Jul. 2011)



Figura 141 – Hotel Colon Palace (Jul. 2011)

Depoimentos de servidores de comércio e serviços ajudaram a identificar alguns motivos pelos quais apesar do grande número de atividades

urbanas, poucas atividades estimulam suas funções cotidianas se servindo do Festival.

Alguns desses servidores demonstraram sua irritação com o alto som da música durante os espetáculos, dificultando a realização dos seus serviços, assim como exemplo do relato uma funcionária da loja Show Modas, instalada na esquina da Rua do Príncipe com a Rua Jerônimo Coelho (Figura 15): “Aguardo do Festival de Dança acabar, pois o barulho, que começa pela manhã e só termina à noite, não permite meu trabalho com tranquilidade.”

Diversos servidores também mostraram desinteresse na apropriação do evento, aqueles em que o movimento de bailarinos e espectadores atrapalha seu serviço, como o salão de beleza, Esmeralda Cabeleireiros, instalado na Rua Niemayer (Figura 13).

Por outro lado, outros relataram que o som não incomoda e que inclusive gostam de escutar as músicas e observar o movimento dos bailarinos circulando pela praça. Argumentam, porém, que o Festival de Dança não interfere nas vendas da loja, portanto não compensa qualquer investimento. Em um dos relatos, por exemplo, o de uma funcionária da Ótica São José, instalada na esquina da Rua Niemayer com a Rua do Príncipe (Figura 14): “Ouço as lindas músicas e me sinto como se estivesse em um espetáculo, mas a platéia não compra óculos.”

A Dalva Presentes, na passagem de pedestres, não expõe seus produtos, relacionados a dança, na vitrine. Conforme relato de um dos vendedores, somente no sábado à tarde alguns bailarinos comparecem para investigar os preços dos produtos de dança e que os mesmos vêm para o Festival com poucos recursos financeiros para investir no comércio. Assim como esta loja, a maioria dos comércios e serviços abordados expõe seu desinteresse em compartilhar com o Festival de Danças relatando que a atenção dos espectadores e bailarinos fica restringida ao evento.

Em compensação, o encarregado do Bar Lanchonete (Figura 20) durante o Festival de Dança, informou que as vendas, durante a semana, aumentam em 30%. Também, confirmou que não abre seu negócio no domingo durante o Festival, pois custa muito caro manter funcionários nos finais de semana e mesmo durante o evento, o movimento não cobre as despesas.

Nota-se que pequenos comerciantes lucram com a presença do Festival de Dança na Praça Nereu Ramos, aproveitando os horários dos espetáculos para vender seus produtos. Estes trabalhadores informais na frente da porta de entrada do palco coberto ou circulando pela praça colaboram com a nova imagem ambiental produzida pelo Festival.

4.2.2 CONFLUÊNCIAS NO ENTORNO DA PRAÇA

O evento do Festival de Dança interfere na transição entre as ruas que circundam a Praça Nereu Ramos, aumentando o número de automóveis e ônibus de turismo circulando e estacionados, que com referência a Lynch (2006, p. 52 e 53), são concentrações que adquirem valor por serem a adensamento do uso motivado pelo evento.

Durante o Festival de Dança, Rua São Joaquim (Figura 142) o fluxo de automóveis é menor do que nas outras ruas que circundam a praça. Na Rua Eng. Niemeyer o movimento aumenta (Figura 143).

No decorrer da Rua São Joaquim pode ser encontrado um trenzinho de passear pela cidade (Figura 144) e um ônibus de turismo vindo de outras cidades estacionados frente ao Hotel Colon Palace na Rua São Joaquim (Figura 145).

Na Rua do Príncipe o cenário se modifica durante o Festival com uma maior circulação de veículos, inclusive ônibus urbano congestionando o tráfego de forma considerável, principalmente durante os horários de espetáculos do Festival de Dança, como se pode observar nas imagens (Figura 146).

Da mesma forma, na Rua Jerônimo Coelho, durante o Festival, o congestionando de veículos aumenta também durante os horários de espetáculos do Festival de Dança (Figura 147).

Percebe-se que nas duas esquinas da Rua do Príncipe, onde o fluxo de veículos é maior e o adensamento de veículos forma um nó de acordo com Lynch (2006, p. 52 e 53), como demonstram as figuras: Rua do Príncipe com Rua Jerônimo Coelho (Figura 148) e Rua do Príncipe com Rua Eng. Niemeyer (Figura 149).



Figura 142 – Rua São Joaquim
(Jul. 2011)



Figura 143 – Rua Niemeyer
(Jul. 2011)



Figura 144 – Trenzinho no festival
(Jul. 2011)



Figura 145 – Ônibus de turismo
(Jul. 2011)



Figura 146 – Rua do Príncipe no Festival
(Jul. 2011)



Figura 147 – Rua Jerônimo Coelho no Festival
(Jul. 2011)



Figura 148 – Ruas do Príncipe e Jerônimo
Coelho (Jul. 2011)



Figura 149 – Rua do Príncipe com Eg. Niemeyer
(Jul. 2011)

4.2.3 TRANSFORMAÇÕES FÍSICAS DA PRAÇA

Nessa etapa, a pesquisa apresenta a significativa alteração física na Praça Nereu Ramos promovida durante o Festival de Dança através de um elemento transitório instalado na praça, uma cobertura de lona plástica escondendo o palco permanente, dando lugar a um imenso volume de cor branca (Figura 150).

Na análise desse elemento, a qualidade de simplicidade da forma, especificada por Lynch (2006, p. 117 e 118), pode ser proporcionada pela incorporação do elemento através da sua funcionalidade.



Figura 150 – Vista parcial da praça durante o Festival de Dança (Jul. 2011)

Em contrapartida a cobertura do palco, pelo seu tamanho, impede o alcance visual, qualidade da forma descrita por Lynch (2006, p. 119). Aquela imagem da praça como um espaço de livre acesso sofreu uma interferência física, modificou seu visual e sua identificação dando lugar a um novo design

urbano com a instalação da cobertura no palco permanente, que por sua vez, conforme Lynch (2006, p. 53 e 54), exprime qualidade de referência.

O cruzamento por dentro do palco coberto, que conforme Lynch (2006, p. 52 e 53), acumula uma junção de expectadores que entram por um lado, assistem ao espetáculo e saem pelo outro.

Observa-se na vista da Rua São Joaquim, que esse ocupa grande parte da praça, impedindo o cruzamento pelo seu interior (Figura 151).



Figura 151 – Vista da Rua São Joaquim no Festival de Dança (Jul. 2011)

A imagem da Rua do Príncipe mostra o palco coberto competindo com a volumetria do prédio do IPREVILE, elemento estrutural que anteriormente se destacava (Figura 152).

Esses dois volumes imponentes estabelecem entre eles o único cruzamento pelo interior da Praça Nereu Ramos.



Figura 152 – Vista da Rua do Príncipe no Festival de Dança (Jul. 2011)

Outros elementos transitórios que conturbam o acesso da calçada da Rua Eng. Niemeyer durante o Festival de Dança são containeres utilizados

como camarins, além do acúmulo de bailarinos se preparando para os espetáculos (Figura 153) que constroem para a passagem dos pedestres.



Figura 153 – Vista da Rua Niemeyer no Festival de Dança (Jul. 2011)

Coincidindo com Lynch (2006, p. 149), depoimentos de cidadãos e usuários mostraram diferentes opiniões sobre a imagem da praça com a instalação do palco coberto: para alguns a dimensão do palco coberto estimula a curiosidade para o reconhecimento do evento; dos que utilizam a praça apenas como cruzamento, durante o evento, alguns criam novas rotas e outros aproveitam o momento para assistir os espetáculos; poucos declararam que, apesar de não entrarem no palco coberto por não terem tempo ou até mesmo não terem desejo por assistir os espetáculos, sentem alegria quando o festival se instala, revelando que nestes dias a praça fica mais bonita pela presença da música e dos bailarinos; um pequeno número deles declarou que o Festival atrapalha o cotidiano deles.

Percebe-se também em alguns pontos, que elementos da estrutura da cobertura do palco permanente impedem o acesso dos indivíduos com segurança e autonomia. Cabos tensionados que fixam a lona plástica no solo (Figura 154 e Figura 155) embaraçam a circulação na praça e dificultam o acesso no espaço coberto, principalmente para idosos e crianças.



Figura 154 – Cabo de aço na calçada (Jul. 2011)



Figura 155 – Cabo de aço na calçada (Jul. 2011)

A volumetria do palco coberto estimula uma nova sensação (Figura 156) Quando o espetáculo inicia com a música e a dança, um novo contexto se forma estimulando nova imagem. Neste momento pode se observar o aumento de espectadores entrando no espaço coberto (Figura 157).



Figura 156 – Palco aberto no Festival de Dança (Jul. 2011)



Figura 157 – Espetáculo no novo palco (Jul. 2011)

4.2.4 TRANSFORMAÇÕES NO PÚBLICO DA PRAÇA

Durante o Festival de Danças, a Praça Nereu Ramos distingue-se do seu cotidiano também pela movimentação de pessoas que circulam por ela, saindo e entrando no palco coberto, assim como transeuntes circulando ao seu redor, pois durante o evento não é possível cruzar pelo interior da praça.

Vê-se que a Praça Nereu Ramos, durante o Festival de Danças, ao causar mudanças físicas, traz um novo público, que ao se integrar, resulta na composição de um novo cenário na Praça Nereu Ramos (Figura 158).

4.2.4.1 TRANSEUNTES

Novos usuários da Praça Nereu Ramos fazem parte da movimentação durante o Festival, modificando o cenário da praça. Observaram-se transeuntes que passam pelo local e não se integram ao evento (Figura 159).

Para outros transeuntes, o Festival chama a atenção de forma que, ao passar pelo evento, o olhar se dirige para o movimento no palco coberto e segue noutra direção (Figura 160). Alguns transeuntes, ao passar pela Praça Nereu Ramos, parecem se estimular para entrar e assistir ao espetáculo. Observou-se uma senhora com uma criança, que ao passar em frente ao local

do evento, pararam por alguns instantes dirigindo seu olhar para observar o movimento e logo em seguida, seguiram adiante (Figura 161 e Figura 162).

Muitos transeuntes, ao ficar na porta do palco coberto assistindo o espetáculo, tornam-se por pouco tempo espectadores do Festival (Figura 163).

Todavia, a maioria dos usuários da Praça Nereu Ramos é considerada expectadores efetivos do Festival de Dança (Figura 164).

4.2.4.2 EXPECTADORES DO FESTIVAL

Observou-se que em alguns horários, durante o Festival de Dança, a Praça Nereu Ramos se apresenta com diferentes cenários: espectadores sozinhos ou em grupo, de diferentes bairros de Joinville e vindos e de outras cidades, independente de (idade, sexo, raça, etc.), se deslocam em direção à praça para assistir ao espetáculo de dança. Assim mostram as figuras: casais (Figura 165), mãe e filhas (Figura 166), idoso (Figura 167), casal (Figura 168), mãe e crianças (Figura 169), mãe com carrinho de bebê (Figura 170), meninos (Figura 171) e pai e filho (Figura 172).

4.2.4.3 PARTICIPANTES DO FESTIVAL

Além do movimento de expectadores e transeuntes, grupos de bailarinos agitam a Praça Nereu Ramos (Figura 173). Também, funcionários de serviços privados e públicos que atendem ao evento, se integram com da Praça Nereu Ramos durante o Festival de Dança, tais como: Segurança e organização (Figura 174) e DJ contratados pela Empresa Festival de Dança (Figura 175), Gari (Figura 176) e funcionários da Zona Azul (Figura 177).

Outros elementos parecem influenciar no novo cenário urbano da Praça Nereu Ramos, tais como, o carrinho de pipoca (Figura 178), cujo vendedor narrou sua história: “Sempre compareço à praça nestes momentos de eventos, principalmente o festival de Dança, que é o mais lucrativo por ser o mais longo”.

Pontos de vendas variados também comparecem como: a barraca Hot Dog (Figura 179), a vendedora de doces (Figura 180), o de algodão doce (Figura 181), os pedintes de dinheiro (Figura 182) e automóvel van, do Festival de Dança, estacionado na Rua do Príncipe aguardando o término do espetáculo, para deslocar turistas para outros locais do evento (Figura 183)

4.2.4.5 TRANSFORMAÇÕES NO COTIDIANO

Depoimentos confirmam também a ocorrência de mudanças no cotidiano dos usuários da Praça Nereu Ramos durante o festival de Dança: uma mulher de meia idade, doméstica, que no seu cotidiano cruza pela praça para ir ao seu serviço, durante o Festival, no retorno aproveita à tarde para assistir aos espetáculos; outra mulher, 32 anos, doméstica, que no seu cotidiano cruza pela praça para ir ao seu serviço e todos os anos, durante os dez dias do Festival, no retorno do seu serviço, passa as tardes assistindo os espetáculos; um morador do bairro que nada tem para fazer aos domingos, durante o festival se incentiva a sair para passear e ver as danças saindo da anestesia de sua vida; um rapaz com 25 anos que deixa a mãe com as irmãs pequenas na praça e passa as tardes rodando pelos palcos abertos do festival de dança assistindo os espetáculos.

Outros depoimentos confirmam também mudanças no cotidiano dos usuários da Praça Nereu Ramos que acontecem durante o festival de Dança: um homem de meia-idade, que aos domingos costuma sentar em um banco da Praça Nereu Ramos para ler e que aguarda pelo encerramento do Festival para retornar sua leitura, pois o som da música e o barulho da multidão perturbam seu silêncio interno impedindo a leitura; um morador do bairro que nada tem para fazer aos domingos, durante o festival, sai da anestesia da sua vida e vai até a praça passear e ver as danças.

No caso dos idosos jogadores de xadrez, mesmo com sua permanência na praça durante o Festival de Dança, alegam que, durante o ano, sentem saudades do Festival argumentando que durante o evento a música e o movimento alegam o ambiente.

Além disso, depoimentos também mostram que o Festival deixa lembranças e modifica a vida dos habitantes: uma adolescente declarou que o Festival a incentivou a dançar, sendo que atualmente, a dança faz parte da sua vida. Ela faz aulas de dança todos os dias, pois pretende se profissionalizar; uma jornalista, 38 anos, contou que por motivo da mãe assistir aos espetáculos, sua família se interessou sobre esta cultura e uma filha tornou-se bailarina.



Figura 158 – Final de espetáculo
(Jul. 2011)



Figura 159 – Transeuntes
(Jul. 2011)



Figura 160 – Passante olhando para o evento
(Jul. 2011)



Figura 161 – Espectadoras observando
(Jul. 2011)



Figura 162 – Expectadoras seguindo adiante
(Jul. 2011)



Figura 163 – Espectadores
(Jul. 2011)



Figura 164 – Platéia assistindo ao espetáculo
(Jul. 2011)



Figura 165 – Casais
(Jul. 2011)



Figura 166 – Mãe e filhas
(Jul. 2011)



Figura 167 – Idoso
(Jul. 2011)



Figura 168 – Casal
(Jul. 2011)



Figura 169 – Mãe e crianças
(Jul. 2011)



Figura 170 – Mãe e bebê
(Jul. 2011)



Figura 171 – Meninos
(Jul. 2011)



Figura 172 – Pai e filho
(Jul. 2011)



Figura 173 – Grupo de Bailarinos na praça
(Jul. 2011)



Figura 174 – Segurança e organização
(Jul. 2011)



Figura 175 – Dj (Jul. 2011)



Figura 176 – Gari
(Jul. 2011)



Figura 177 – Zona Azul
(Jul. 2011)



Figura 178 – Pipoqueiro
(Jul. 2011)



Figura 179 – Barraca Hot Dog (Jul. 2011)



Figura 180 – Vendedora de doces
(Jul. 2011)



Figura 181 – Algodão doce
(Jul. 2011)



Figura 182 – Pedintes
(Jul. 2011)



Figura 183 – Transporte Festival
(Jul. 2011)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou, através da linha do tempo, a importância do Festival de Dança para a cidade de Joinville, que se afirmou por sua grande abrangência e forte inserção no meio urbano. O levantamento espacial, social e histórico além dos estímulos captados nas entrevistas e nas imagens realizadas na Praça Nereu Ramos, foi apenas uma pequena amostra do reflexo que ocorre em toda a cidade durante o evento.

Com o estudo descritivo e analítico do impacto que o Festival de Dança provoca na cidade de Joinville foram identificadas permanências e transitoriedades na Praça Nereu Ramos e comparadas durante o Festival de Dança em relação ao seu cotidiano, demonstrando que mudanças físicas como a inserção de um palco destinado ao Festival de Dança na Praça Nereu Ramos, mudam também as atividades sociais da praça, trazendo pessoas de outros lugares, estabelecendo novas movimentações, além de que o ambiente da praça, com a estrutura do palco coberto orienta o usuário para um novo comportamento. Assim, neste momento, observa-se que a função social da Praça Nereu Ramos já não é mais a mesma e o usuário, no seu cotidiano, modifica seu comportamento habitual, muitas vezes participando do novo ambiente, outras vezes, se excluindo completamente.

Visto que a maior transformação física Praça Nereu Ramos se deu com a instalação da cobertura no palco permanente, que pelo seu tamanho, utilizou a totalidade do espaço vazio central da praça, observou-se que essa mudança gerou mudanças no seu cotidiano, como por exemplo, em função desse elemento, a maioria dos usuários que costumava atravessar a praça é impedida de seguir sua rotina durante o Festival de Dança, é obrigada a desviar sua rota.

Também pessoas vindas de outros lugares transformam a tranqüila praça em um ambiente agitado, estabelecendo novos fluxos, entrando e saindo do palco coberto, e novas concentrações na porta e ao redor do palco coberto.

Além disso, os efeitos do evento na praça se ampliam para seu entorno que apresenta transformações significativas pela concentração de veículos que circulam nas ruas que a cercam e o comércio e serviços que se apropriam do Festival utilizando propaganda referente ao evento para atrair a atenção do público.

A análise das transformações na Praça Nereu Ramos, no decorrer do tempo durante o Festival de Dança, confirmou que uma interferência desse porte no espaço urbano transforma o cotidiano do lugar onde ocorre interferindo

na cultura local, uma vez que as lembranças dos eventos guardadas na memória do indivíduo estimulam a mudança de seus hábitos.

Além disso, as lembranças deixadas pelo Festival de Dança de Joinville podem ser atribuídas ao caso de que várias idéias, reflexões, sentimentos e paixões percebidas por nós, têm no estado de consciência individual, sua origem inspirada por um grupo. Consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, e que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo e de um espaço.

Os resultados encontrados nesta pesquisa parecem esclarecer a importância da observação desses fatores que modificam a identidade de um lugar, mesmo sendo estes provenientes de atividades transitórias, tal como o Festival de Dança, que levou Joinville a se tornar atualmente o pólo da cultura da dança, confirmando o fato que um evento transitório, como o Festival de Dança de Joinville, realizado anualmente, reforçou seu significado através da relação intensa e repetida com o habitante da cidade e alcançou sua permanência gerando uma nova imagem para Joinville: A cidade da dança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. **A condição humana**. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2007.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II – RUA DE MÃO ÚNICA** (1ª edição 1987). São Paulo: Brasiliense. 2011.

BRASIL, Aline Silva. **A dança-em-criação**: reflexões pedagógicas. In: O Mosaico – Rev. Pesquisa em Artes/FAP, Curitiba, n.3, p.1-18, jan./junho, 2010.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro: Sette. Letras, 1994.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar** – Repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Adaptação da tese doutoral intitulada “Repensando o lugar do projeto urbano. Variações na percepção.” defendida pelo autor. (1985–2004) PROPARG-UFRRGS. Porto Alegre, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Centauro Editora. São Paulo, 2009.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JACOBS, J. e APPEYARD, D. **Towards an urban design manifesto**: a prologue Journal of the American Planning Association, 53, 112-120 (1987).

KRONENBURG, Robert. **Portable architecture**. Architectural Press. new technology series. Oxford. Boston, 1998.

LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 1ª edição 1924. Coleção Repertórios. Editora da Unicamp. Cidade Universitária. Barão Geraldo. Campinas. SP, 1990.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 1ª edição 1997. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo. SP, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 1ª edição 1945. São Paulo/SP, 1999.

OLIVEIRA, Juliana Cristina. **Recursos de poder e a transformação da lógica do campo**: um estudo sobre o festival de dança de Joinville. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Administração, linha de pesquisa: Comportamento e Organização, Programa de Pós-Graduação em Administração, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora: Prof. A Dr. A Rosimeri Carvalho da Silva. Florianópolis. 2008. 132 f. <http://pontoporpono.org.br/pesquisadores-do-cultura-viva/dissertacao.pdf?view=true>

ORIONI, Ailin, NETO, Luís Moretto e SCHMIT, Valentina Gomes Haensel. Artigo. **Análise organizacional**: o caso do Instituto do Festival de Dança de Joinville – Santa Catarina. UFSC. Florianópolis, 2006. <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/383.pdf>

ORTEGOSA, Sandra Mara. **Cidade e memória**: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar. 10/09/2009. Site:<http://www.vitruvius.com.br/Revistas/Read/Arquitextos/10.112/30Acesso15/06/2011> – Acesso: 24/04/2011.

PORTAS, N. **Conceitos de desenvolvimento urbano**. Jornal dos Arquitectos. Nº 56-57. Ano 6, Abril/Maio. Lisboa. pp. 9-11, 1987.

RAPOPORT, Aмос. **Aspectos humanos de la forma urbana**: hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A. 1978.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo, Hucitec, 1994.

SERDOURA, Francisco M., Universidade Técnica de Lisboa, Departamento de Urbanismo, Rua Sá Nogueira, Pólo Universitário Alto da Ajuda – 1349-055 Lisboa, Portugal e SILVA F. Nunes da, Instituto Superior técnico, Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Avenida Rovisco Pais, 1 –

1049-001 – Lisboa, Portugal. **Espaço público. lugar de vida urbana.** Nº 27. 2006

SILVA, Cassandra R. O. **Epistemologia do conhecimento tecnológico como base de geração, aplicação e difusão de tecnologia.** Fortaleza: Idéias. N. XXII, 1996.

SOUSA, Rafael Oliveira de. **A praça como lugar da diversidade cultura.** Graduando em Arquitetura e Urbanismo – UNEMAT/Barra dos Bugres. http://need.unemat.br/4_forum/artigos/rafael.pdf

TEIXEIRA, Manoel C. **A praça nas morfologias urbanas brasileiras.** Simpósio A Arquitetura da Cidade nas Américas. Diálogos Contemporâneos entre o local e o global, 52 ICA. Sevilha. 2006.

VAZ, Nelson Popini. **La place publique comme espace de communication.** 2003. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Urbanismo de Paris. Universidade de Paris XII, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WOLFF, Silvia Susana. **William Forsythe e a dessacralização do ballet no espaço urbano.** Periódico do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas. Instituto de Artes. Deartamento de Arte dramática. UFRGS, 2011.